

↔ns

São Paulo, 2020



HOUSE OF NIGHT

SPIN-OFFS

P. C. CAST + KRISTIN CAST

SUMÁRIO

O JURAMENTO DE DRAGON

A MALDIÇÃO DE NEFERET

A QUEDA DE KALONA

O VOTO DE LENOBIA

O
JURAMENTO
DE
DRAGON

No início do século XIX, Dragon Lankford é um adolescente humano problemático, embora talentoso. Ao ser Marcado a bordo de um navio rumo à América, ele é salvo da morte certa por um Filho de Erebus que enxerga nele grande potencial. Na Morada da Noite, Dragon dá início a sua própria jornada para se tornar um mestre espadachim – mas quando uma ameaça sorrateira emerge, a ajuda de Dragon é requisitada. Suas misteriosas habilidades de luta fazem dele um calouro poderoso, mas isso será suficiente para repelir a nova Escuridão que se aproxima?

Para todos os nossos leitores guerreiros.
Nós amamos vocês.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, gostaríamos de agradecer a nossa agente e amiga Meredith Bernstein, sem a qual a House of Night não existiria.

Agradeço a toda nossa família maravilhosa na St. Martin's Press!

E um obrigado especial para nossa amiga Kim Doner, que criou as ilustrações mágicas para este romance. Foi um verdadeiro prazer ver esta história tomar forma por meio de seu talentoso lápis!



1.

OKLAHOMA, DIAS ATUAIS

Raiva e confusão se remexiam em Dragon Lankford. Estaria Neferet realmente os deixando, logo após a morte do menino e da visita cataclísmica de sua Deusa?

– Neferet, e o corpo do novato? Devemos continuar a vigília?

Com certo esforço, Dragon Lankford mantinha sua voz calma e seu tom seguro, enquanto se dirigia à Suprema Sacerdotisa. Neferet fixou seus lindos olhos de esmeralda nele. Ela sorriu suavemente.

– Você está certo em me lembrar, Mestre Espadachim. Aqueles de vocês que honraram Jack com velas púrpuras de espírito, atirem-nas à pira quando saírem. Os guerreiros Filhos de Erebus farão vigília junto ao corpo do pobre novato pelo resto da noite.

– Como desejar, Sacerdotisa.

Dragon curvou-se vigorosamente para ela, perguntando-se por que sua pele coçava tanto, como se estivesse coberto em sujeira e lodo. Ele sentiu um desejo súbito e inexplicável de se banhar em uma água muito, muito quente. *É a Neferet, sua consciência lhe disse suavemente. Ela não está normal desde que Kalona se libertou da terra. Costumava-se sentir...* Dragon balançou a cabeça e cerrou os dentes. Eventos secundários não importavam. Sentimentos não eram mais importantes. O dever era arrebatador, a vingança urgia. *Foco! Devo manter minha mente no serviço!* – ordenou a si mesmo e, então, fez sinal com a cabeça rapidamente para alguns guerreiros específicos.

– Dispersem a multidão!

Neferet parou para falar com Lenobia antes de deixar o centro do *campus* e se dirigir aos aposentos dos professores. Dragon quase nem

olhou para ela. Em vez disso, sua atenção foi atraída para a pira flamejante e para o corpo em chamas do menino.

– A multidão está se dispersando, Mestre Espadachim. Quantos de nós devem permanecer ao lado da pira com você? – perguntou Christophe, um dos guardas superiores.

Dragon hesitou antes de responder, levando algum tempo para colocar a cabeça no lugar, bem como para absorver o fato de que os novatos e professores que andavam a esmo, de forma incerta, em volta da pira brilhante que queimava, estavam obviamente agitados e completamente aborrecidos. Dever. Quando todo o resto falha, volte-se ao dever!

– Faça que dois dos guardas escoltem os professores de volta aos seus quartos. O restante de vocês deve ir com os novatos. Tenham certeza de que todos retornem aos seus aposentos. Então, fiquem perto dos dormitórios pelo restante desta terrível noite.

A voz de Dragon estava rouca de emoção.

– Os alunos devem sentir a presença protetora dos guerreiros Filhos de Erebus para que possam, ao menos, ter certeza de sua segurança, ainda que pareça não acreditarem.

– Mas a pira do menino...

– Eu ficarei com Jack – Dragon falou em um tom que não permitia interrupção. – Não deixarei o garoto até que o brilho avermelhado de suas cinzas torne-se pó enferrujado. Faça seu dever, Christophe. A Morada da Noite precisa de você. Eu ficarei com a tristeza que resta aqui.

Christophe curvou-se e começou a dar comandos, seguindo as ordens do Mestre Espadachim com fria eficiência.

Pareciam ter se passado apenas segundos quando Dragon percebeu que estava sozinho. Havia o som da pira queimando, o crepitar e estalar enganosamente calmos do fogo. Além disso, havia apenas a noite e o vasto vazio no coração de Dragon. O Mestre Espadachim olhava fixamente para as chamas, como se pudesse descobrir nelas o bálsamo que aliviaria sua dor. O fogo flamejava em âmbar e dourado,

ferrugem e vermelho, parecendo a Dragon uma delicada joia. A cor do sangue fresco única, ímpar, ligada a um fio de veludo...

Como se por intenção própria, sua mão moveu-se para seu bolso. Seus dedos se fecharam em torno do disco oval que encontrou ali. Era fino e suave. Mal se notava a desgastada marca do pássaro que havia sido gravada tão bela e claramente em sua face. A peça dourada descansava confortavelmente em sua mão. Ele a apertou, protegeu-a, segurou-a, antes de lentamente tirar a mão do bolso, o medalhão abrigado nela. Dragon passava o objeto aveludado por seus dedos, esfregando-o com seu dedão em movimentos familiares, inconscientes, que revelavam mais hábito que pensamento. Exalando a respiração profundamente, parecendo mais um soluço que um suspiro, ele abriu sua mão e olhou para baixo. A luz da pira de Jack refletia contra a superfície dourada do medalhão e bateu no desenho do pássaro azul.

– É o pássaro do estado de Missouri – Dragon disse em voz alta. Sua voz era privada de emoção, ainda que a mão que segurava o medalhão tremesse. – Me pergunto se você ainda pode ser encontrado na natureza, equilibrando-se nos girassóis que acompanham o rio. Ou terão sua beleza e a das flores morrido também, junto a tudo mais que é amável e mágico neste mundo? – Sua mão se fechou em torno do medalhão, apertando-o tão firmemente que seus punhos ficaram brancos.

E então, tão rapidamente quanto havia fechado o punho, Dragon soltou o medalhão, abrindo sua mão e girando o objeto dourado de novo e de novo, reverentemente.

– Tolo! – Sua voz estava rouca. – Você podia tê-lo quebrado!

Dedos trêmulos se atrapalharam com o fecho, mas quando ele finalmente o destravou, o objeto dourado abriu com facilidade, ileso, para mostrar a pequena gravura que, ainda que apagada pelo tempo, ainda mostrava o rosto sorridente da pequena vampira cujo olhar parecia capturar e prender o seu.

– Como é possível você ter-se ido? – Dragon murmurou. Um dedo deslizava pelo antigo retrato no lado direito do medalhão, e então se moveu para a metade esquerda da joia para tocar a mecha dourada que

se aninhava ali no espaço vazio em que sua jovem fotografia já havia estado. Seu olhar se moveu do medalhão para o céu da noite e ele repetiu a pergunta mais alto, do fundo de sua alma, implorando por uma resposta.

– Como é possível você ter-se ido?

Como se em resposta, Dragon ouviu ecoando no ar da noite o grito distinto de um corvo. Raiva percorreu o corpo de Dragon, tão forte e quente que suas mãos mais uma vez tremeram. Mas dessa vez não era dor, nem perda; ela tremia pela vontade contida de atacar, de mutilar, de vingar.

– Eu a vingarei.

A voz de Dragon era como a morte. Ele olhou para baixo, novamente para o medalhão, e disse à cintilante mecha dourada que ele continha:

– Seu dragão a vingará. Eu tornarei certo o que permiti dar errado. Eu não cometerei o mesmo erro novamente, meu amor, minha querida. A criatura não passará impune. Baseado nisso, faço a você meu juramento.

Uma golfada de vento quente da pira soprou repentinamente forte. Levantou a mecha de cabelo e, enquanto Dragon se atrapalhava sem sucesso para impedi-la, a mecha flutuava para além de seu alcance, para cima, para o alto da brisa aquecida, quase como uma pena. Ela pairou por ali e, então, com um som muito parecido com o suspiro surpreso de uma mulher, o vento quente mudou, inalando, puxando a mecha para a pira flamejante, onde se tornou fumaça e memória.

– Não! – Dragon gritou, caindo de joelhos e soluçando. – Agora perdi a última parte sua. É minha culpa... – ele disse de coração partido. – Minha culpa... Assim como sua morte foi minha culpa.

Nas lágrimas que enchiam seus olhos, Dragon via a fumaça da mecha de cabelo de sua amada girar e dançar à sua frente, e então começar a brilhar magicamente, transformando-se de fumaça em uma combinação de faíscas verdes, amarelas e marrons que continuavam a girar e girar até que começaram a se separar e formar partes distintas de uma imagem: as faíscas verdes se tornaram um caule longo e grosso,

as amarelas, delicadas pétalas de uma flor, as marrons formando um círculo por dentro para delimitar seu centro.

Dragon limpou as lágrimas de seus olhos, quase não acreditando no que via.

– Um girassol?

Seus lábios estavam tão dormentes quanto seu cérebro com o choque. *Era a flor dela!* – sua mente gritou. *Deve ser um sinal dela!*

– Anastasia! – Dragon gritou, enquanto a dormência dava lugar a uma terrível e maravilhosa onda de esperança. – Você está aqui, minha querida?

A imagem do girassol brilhante começou a ondular e se transformar. O amarelo fluiu numa cascata que se tornou douradamente loura. O marrom ficou mais claro, da cor da pele banhada pelo sol, e o verde derreteu dentro da pele, dançando e se transformando em esferas brilhantes que se tornaram olhos cor de turquesa, familiares e queridos.

– Oh, minha Deusa, Anastasia! É você!

A voz de Dragon se interrompeu ao correr na direção dela. Mas a imagem se levantou, uma tentação dourada pouco além da ponta de seus dedos. Ele gritou de frustração e então parou com o som de sua miséria quando a voz de sua companheira começou a girar em torno dele como uma onda musical sobre pedrinhas desgastadas pela água. Dragon segurou sua respiração e ouviu a mensagem fantasmagórica.

– Eu enfeiticei este medalhão para você, meu querido, meu companheiro. Chegará o dia em que a morte forçará nossa separação. Você deve saber que eu esperarei, para sempre, por você. Então, até que nos encontremos de novo, guardarei seu amor com segurança no meu coração. Lembre-se: seu juramento foi o de equilibrar a força com a piedade. Não importa por quanto tempo fiquemos separados, prendo-o a esse juramento eternamente... eternamente...

A imagem sorriu a ele antes de perder sua forma e voltar a ser fumaça e, então, nada.

– Meu juramento! – Dragon gritou, levantando-se. – Primeiro Nyx e agora você me lembrando disso. Você não entende que é por causa desse

maldito juramento que você está morta? Se eu tivesse feito outra escolha há muitos anos, talvez pudesse ter impedido que isso tudo acontecesse. Força ponderada pela piedade é um erro. Você não lembra, minha querida? Você não se lembra? Eu, sim. Nunca esquecerei...

Enquanto Dragon Lankford, Mestre Espadachim da Morada da Noite, fazia vigília ao lado do corpo de um novato morto, ele fitou a pira flamejante e deixou as chamas o levarem a outros tempos para que pudesse reviver a dor e o prazer, a tragédia e o triunfo, de um passado que moldara tal futuro avassalador.



2.

INGLATERRA, 1830

– Pai, você não pode me renegar e me exilar nas Américas! Sou seu filho!
– Bryan Lankford, terceiro filho do Conde de Lankford, balançou a cabeça negativamente e fixou o olhar incrédulo em seu pai.

– Você é meu terceiro filho. Tenho outros quatro, dois mais velhos e dois mais novos. Nenhum deles é tão problemático. A existência deles e seu comportamento fazem que seja muito simples para mim fazer isso com você.

Bryan ignorou o choque e o pânico que as palavras de seu pai ameaçavam despertar em seu interior. Ele se forçou a relaxar, a se recostar despreocupadamente contra a porta de madeira da baia mais próxima a ele, enquanto disparava o seu sorriso para o Conde, aquele lindo e desarmador sorriso que as mulheres achavam irresistível e as fazia querer seduzi-lo, e que os homens achavam charmoso e os fazia querer ser como ele.

A expressão do Conde, obscura e imutável, entregava que ele conhecia bem esse sorriso. E que não era de forma alguma afetado por ele.

– Minha decisão é definitiva, garoto. Não se desgrace mais implorando indevidamente.

– Implorando?! – Bryan sentiu o ódio familiar se remexer. Por que seu pai tinha sempre que o diminuir? Ele nunca havia implorado por nada em sua vida. Certamente não começaria agora, quaisquer que fossem as consequências. – Eu não estou implorando a você, pai. Estou simplesmente tentando chegar a um acordo.

– Acordo? Mais uma vez você me causa vergonha por causa do seu temperamento e sua espada, e você me pede para fazer um acordo com você?

– Pai, foi apenas uma pequena discussão, e com um escocês! Eu nem o matei. Na verdade, machuquei mais sua vaidade que seu corpo.

Bryan tentou dar uma risada desdenhosa, mas o som foi interrompido pela volta da tosse que o havia afligido o dia todo, mas desta vez acompanhada de uma onda de fraqueza. Ele estava tão distraído com a traição de seu corpo que não ofereceu nenhuma resistência quando seu pai subitamente diminuiu a distância que os separava e com uma mão agarrou a gravata na garganta de Bryan, empurrando-o contra a parede do estábulo com tal força que o pouco fôlego restante em seu corpo o deixou. Com sua outra mão, o Conde derrubou a espada ainda ensanguentada da mão fraquejante de Bryan.

– Seu fanfarrão barulhento! Aquele escocês é um senhor de terras vizinho. As terras dele são adjacentes às minhas, o que você já sabe, já que é do seu conhecimento que a filha dele e sua cama estão a menos de um dia de nossa propriedade!

O rosto do Conde, vermelho de raiva, estava tão próximo de seu filho que cuspiu em Bryan.

– E agora suas ações precipitadas deram a esse senhor toda a prova de que precisava para ir a nosso estúpido e tagarela novo rei e exigir reparação pela perda da virgindade de sua filha.

– Virgindade?! – Bryan conseguiu falar engasgado. – A virgindade de Aileene foi perdida muito antes de eu a conhecer.

– Isso não importa! – o Conde fechou mais o punho com que segurava seu filho. – O que importa é que você foi o pateta pego entre os joelhos dela, e agora aquele rei fracote tem toda a desculpa de que precisa para fazer vista grossa quando ladrões do norte varrerem o sul procurando gado gordo para roubar. De quem você acha que será o gado que eles vão querer roubar, meu filho?

Bryan conseguia apenas tentar respirar e balançar a cabeça. Com um olhar de desprezo, o Conde de Lankford soltou seu filho, deixando-o cair, tossindo violentamente, no chão sujo do estábulo. Então o nobre

dirigiu-se aos membros de roupa vermelha de sua guarda particular, que haviam assistido passivamente à desgraça de seu filho, em especial o membro mais velho, com uma cicatriz.

– Jeremy, conforme já ordenei, amarre-o como o miserável que é. Escolha outros dois homens para irem com você. Leve-o para o porto. Coloque-o no próximo navio às Américas. Nunca mais quero vê-lo novamente. Ele não é mais meu filho.

Então se dirigiu ao empregado do estábulo:

– Traga meu cavalo. Já gastei demais meu precioso tempo com essa bobagem.

– Pai! Espere, eu... – Bryan começou a falar, mas outro acesso de tosse interrompeu suas palavras.

O Conde parou apenas o tempo necessário para olhar seu filho do alto de seu longo nariz.

– Como já expliquei, você é dispensável e agora não é mais problema meu. Leve-o embora!

– Você não pode me mandar embora assim! – gritou sofredamente. – Como vou viver?

Seu pai virou a cabeça para a espada de Bryan, caída na lama não muito distante dele. Ela havia sido um presente do Conde quando seu precoce filho fez treze anos, e, mesmo na obscura e empoeirada luz do estábulo, as joias incrustadas no punho brilhavam.

– Talvez isso seja de maior utilidade a você em sua nova vida do que foi para mim em sua antiga vida. Deixem-no levar a espada – ele disse aos guardas –, e nada mais! Tragam-me o nome do navio e a marca de seu capitão como prova de que ele deixou a Inglaterra. Façam que ele tenha partido antes do nascer do sol de amanhã e haverá uma bolsa de moedas de prata aguardando para ser dividida entre vocês – disse o homem mais velho, e então caminhou até seu cavalo, que o aguardava.

Bryan Lankford tentou gritar algo para seu pai, para dizer-lhe o quanto ele se arrependeria depois, quando se lembrasse de que apesar de seu terceiro filho ser, de fato, o mais problemático, era também o mais talentoso, inteligente e interessante, mas outro acesso de tosse apoderou-se do menino de dezessete anos tão completamente que ele

conseguia apenas engasgar em vão e assistir ao cavalo de seu pai galopar distanciando-se. Ele não conseguiu nem lutar da forma que gostaria quando os guardas do Conde o amarraram e então o arrastaram pela lama do estábulo.

– Já era hora de um frangote barulhento como você ser trazido abaixo. Vamos ver se você gosta de ser comum.

Rindo sarcasticamente, Jeremy, o mais velho e mais pomposo dos guardas do pai de Bryan, jogou-o em uma carroça, antes de curvar-se para pegar a espada de Bryan e, com um olhar avaliador para seu punho brilhante, guardá-la em sua própria cintura.



Quando Bryan chegou ao porto, já estava escuro, tanto no mundo ao seu redor quanto dentro de seu coração. Não só seu pai o havia renegado e expulsado da família e da Inglaterra, como também ficava cada vez mais claro que Bryan estava nas mãos de alguma praga terrível. Quando ela o mataria? Antes de ele se livrar dessa doca fedorenta ou depois de ser arrastado para um dos navios mercadores que flutuavam na água negra da baía?

– Eu não vou levar um pivete tossindo assim a bordo – o capitão do navio levantou sua tocha, examinando o menino curvado e tossindo. Franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça. – Não, ele não vai atravessar as águas comigo.

– Este é o filho do Conde de Lankford. Você o levará ou explicará ao senhor por que não – resmungou o guarda mais velho do conde.

– Não estou vendo nenhum conde aqui. Estou vendo um menino manchado de merda que pegou malária. – O homem do mar cuspiu na areia. – E eu não vou explicar nada para ninguém, especialmente para um conde inexistente, se eu tiver morrido da doença desse pirralho.

Bryan tentou abafar sua tosse, não para tranquilizar o capitão, mas para dar um tempo à queimação no seu peito. Ele segurava sua respiração quando o homem veio das sombras, alto, magro e vestido todo em preto, sua pele pálida em contraste gritante com a escuridão que parecia envolvê-lo. Bryan piscou os olhos, imaginando se seu surto de febre o enganava: era mesmo uma lua crescente tatuada no meio de sua testa, envolvida por mais tatuagens? Sua visão estava embaçada, mas Bryan tinha quase certeza de que as tatuagens pareciam floretes cruzados. Então a razão alcançou a visão e Bryan sentiu uma faísca de reconhecimento. Uma lua crescente e as tatuagens a envolvendo só poderiam significar uma coisa: o homem não era homem coisa nenhuma. Ele era um vampiro!

Foi então que a criatura levantou sua mão, apontando a palma para fora na direção de Bryan. O menino olhou fixamente em espanto para a espiral que decorava aquela palma, e o vampiro proferiu palavras que mudariam sua vida para sempre.

– Bryan Lankford! A Noite o escolheu. Sua morte será seu nascimento. A Noite o chama. Ouça sua doce voz. Seu destino o aguarda na Morada da Noite!

O longo dedo da criatura apontou para Bryan e sua testa explodiu de dor enquanto sentia o contorno tatuado de uma lua crescente queimar como uma marcação em sua pele. Os homens de seu pai reagiram instantaneamente: deixaram Bryan cair e se afastaram dele, olhando com pavor para lá e para cá, entre o menino e o vampiro. Bryan percebeu que o capitão do navio deixara sua tocha cair e se apagar na areia e desaparecera na escuridão do píer.

Bryan não viu nem ouviu a aproximação do vampiro. Ele apenas viu os guardas se moverem nervosamente, agrupando-se atrás de Jeremy, espadas meio desembainhadas, a indecisão estampada em seus rostos e em suas ações. Guerreiros vampiros tinham uma reputação que inspirava temor. Seus serviços mercenários eram muito procurados, mas, com exceção da beleza e força de suas mulheres, e do fato de que eles cultuavam uma Deusa obscura, pouco sobre sua sociedade e relações internas era conhecido pela maioria dos humanos. Bryan

observou Jeremy tentar se decidir se essa criatura, que era obviamente o que eles chamavam de *Rastreador*, era também um perigoso guerreiro vampiro. Então ele sentiu uma pegada impossivelmente forte em seu braço, e Bryan foi levantado de pé para encarar a criatura.

– Voltem para de onde vieram. Este menino agora é um novato marcado, e como tal, não é mais responsabilidade sua.

O vampiro falou com um sotaque estranho, proferindo suas palavras quase languidamente, o que só corroborava com o mistério e ar de perigo que ele emanava. Os homens hesitaram, todos olhando para o guarda superior, que falou rapidamente, conseguindo soar arrogante e agressivo ao mesmo tempo.

– Precisamos de provas de que ele deixou a Inglaterra para entregar a seu pai.

– Isso não me interessa – o vampiro disse solenemente. – Diga ao pai do garoto que ele embarcou em um navio esta noite, ainda que um navio muito mais escuro do que o que vocês, humanos, haviam planejado. Não tenho nem tempo nem paciência para fornecer provas além da minha palavra. – Então olhou para Bryan. – Venha comigo. Seu futuro o espera. – E, ajeitando sua capa, o vampiro deu as costas e começou a caminhar pela doca, afastando-se.

Jeremy aguardou até que a criatura fosse engolida pela escuridão. Então, levantou um dos ombros e olhou para Bryan com nojo, antes de dizer:

– Nossa missão está terminada. O senhor disse para colocar o pirralho do filho dele num navio, e é para lá que ele vai. Deixemos este lugar cheirando a peixe e voltemos para nossas camas mornas na mansão Lankford.

Os homens iam se virando quando Bryan se levantou e se arrumou. Ele levou apenas um momento para inspirar profundamente e apreciar o alívio que sentiu quando a tosse sufocante e incapacitante não veio. Então ele deu um passo à frente e falou com uma voz que estava, novamente, forte e firme.

– Você deve deixar-me minha espada.

Jeremy parou e o encarou. Lentamente, puxou a espada de onde a havia pendurado em sua cintura. Por instantes, ignorou Bryan e estudou o precioso punho encrustado de pedras. Seu sorriso era calculista e seus olhos estavam frios quando ele finalmente se virou para Bryan.

– Você tem alguma ideia de quantas vezes seu pai me chamou da minha cama quente para pegar você em alguma briga em que você se meteu?

– Não, não tenho – Bryan disse laconicamente.

– É claro que não. Tudo com o que vocês, nobres, se preocupam é seu próprio prazer. Então, agora que você foi renegado e não é mais da nobreza, eu ficarei com esta espada, e com o dinheiro que sua venda me dará. Pense nisso como um pagamento pelo pesadelo que você foi para mim por todos esses anos.

Bryan sentiu um ímpeto de raiva, e com ele veio uma onda de calor por todo o seu corpo. Agindo por instinto, o menino diminuiu a distância entre ele e o guarda arrogante. Em alguma parte de seu cérebro, Bryan sabia que seus movimentos estavam extraordinariamente rápidos, mas continuou focado no pensamento que era a força motora dentro dele: *A espada é minha. Ele não tem direito a ela.*

Com um rápido movimento, Bryan derrubou a espada da mão de Jeremy e, com o mesmo movimento, a agarrou. Enquanto os outros dois guardas iam para frente, Bryan lançou-se para baixo e enfiou a ponta da espada bem no meio dos ossos do pé do homem mais próximo, fazendo com que o guarda se dobrasse e caísse no chão em agonia. Bryan automaticamente revidou e, mudando de direção, bateu com a lateral da espada na têmpora do segundo guarda, deixando-o paralisado. Movendo-se com uma graça fatal, Bryan continuou o movimento de sua espada, girando e terminando com a borda afiada da lâmina pressionada tão firmemente contra o pescoço de Jeremy que sua pele ficou gotejada de sangue.

– Esta espada é minha. Você não tem direito a ela.

Bryan ouviu sua voz dizer seus pensamentos, e se surpreendeu com quão normal ele soava, nem ao menos respirava ofegantemente. Não havia como Jeremy ou qualquer um dos dois outros guardas caídos saberem que tudo dentro dele queimava com raiva, fúria e necessidade de vingança.

– Agora, diga-me por que não devo cortar sua garganta.

– Vá em frente. Atinja-me. Seu pai é uma víbora, e mesmo renegado você é o filho serpente dele.

Bryan iria matá-lo. Ele queria: sua raiva e orgulho exigiam isso. E por que não deveria matá-lo? O guarda era apenas um plebeu, e um plebeu que o havia insultado, o filho de um Conde! Mas antes que Bryan pudesse cortar o pescoço do guarda, as palavras do vampiro cortaram o ar entre eles.

– Não tenho o desejo de ser perseguido e quem sabe até questionado pela Marinha britânica. Deixe-o viver. O destino dele, o de voltar a servir aqueles que despreza, é uma punição bem maior do que uma morte rápida.

Ainda segurando a ponta da espada no pescoço do guarda, Bryan deu uma olhada para trás, para o vampiro. A criatura havia falado com uma voz tão calma que parecia quase entediada, mas todo seu foco estava na garganta do guarda e nas pequenas gotas escarlate que a lâmina de Bryan havia libertado. O desejo óbvio do vampiro tanto intrigou quanto apavorou o menino. É isso o que eu devo me tornar? Bryan empurrou o guarda.

– Ele está certo. Sua vida é uma punição melhor do que minha espada. Volte a ela e à amargura com que você a vive.

Sem mais olhar para o homem, Bryan deu as costas e andou para o lado do vampiro, que inclinou sua cabeça em um pequeno sinal de reconhecimento.

– Você fez a escolha correta.

– Ele me insultou. Deveria tê-lo matado.

O vampiro entortou a cabeça para o lado, como se pensando em uma solução para um problema.

– O fato de ele ter chamado você de cobra o insultou?

– Bem... sim. Chamar-me de mimado e tentar roubar o que é meu também foram um insulto.

O vampiro riu suavemente.

– Não é insulto ser chamado de cobra. Elas são criaturas aliadas à nossa Deusa, ainda que eu não acredite que ele tenha sido justo em chamá-lo assim. Assisti a você vencer aqueles três homens. Você ataca mais como um dragão do que como uma cobra.

Enquanto Bryan piscava os olhos, surpreso, ele continuou:

– E dragões estão acima de tais insultos mesquinhos que meros mortais possam dirigir a eles.

– Existem dragões na América? – Bryan deixou escapar o primeiro dos pensamentos confusos que enchiam sua mente.

O vampiro gargalhou novamente.

– Você não ficou sabendo? A América está cheia de maravilhas.

Então ele fez um gesto com a mão, apontando para o píer.

– Venha, vamos, para que você possa descobri-los. Já gastei tempo o bastante nessas praias arcaicas. Minhas memórias da Inglaterra não eram boas, e nada que encontrei durante minha espera por você serviu para melhorá-las.

O vampiro começou a andar pela doca, com Bryan quase correndo para acompanhar seus passos largos.

– Você disse que esteve esperando por mim?

– Sim, e esperei – ele disse, ainda se movendo intencionalmente pelo píer.

– Você sabia sobre mim?

O vampiro afirmou com a cabeça, fazendo com que os cabelos castanhos escurecessem seu rosto.

– Eu sabia que havia um novato aqui que deveria esperar para marcar. – Ele olhou para Bryan e seus lábios se entortaram em um leve sorriso. – Você, jovem dragão, é o último novato que marcarei na vida.

Bryan curvou as sobrancelhas.

– Seu último novato? O que está acontecendo com você? – Bryan tentou não soar preocupado. Afinal, ele mal conhecia esse vampiro. E a

criatura era um vampiro: misterioso, perigoso e estranhamente convincente.

O leve sorriso do vampiro se abriu.

– Eu terminei meu trabalho como um dos Rastreadores de Nyx, e agora posso voltar à minha posição como um guerreiro Filho de Erebus a serviço da Morada da Noite de Tower Grove.

– Tower Grove? Isso fica na América? – Bryan sentiu um frio na barriga. Ele havia quase esquecido que seu mundo havia virado de ponta-cabeça em um intervalo de menos de um dia.

– Fica, de fato, na América. St. Louis, Missouri, para ser exato.

O vampiro havia chegado ao fim do longo píer. O lado mais escuro, Bryan notou, já que podia ouvir os rangidos de um grande navio e o barulho da água ao seu redor, mas, por mais que tentasse, não podia ver mais que uma pesada sombra flutuando na água. Ele percebeu que o vampiro tinha parado ao lado dele e o estudava cuidadosamente. Bryan encarou seu olhar diretamente, apesar de seu corpo se sentir como uma mola fortemente comprimida prestes a se soltar a qualquer momento.

– Meu nome é Shaw – o vampiro finalmente disse, e estendeu sua mão para Bryan.

– Eu sou Bryan Lankford – Bryan parou por um momento e então fez um sorriso que era apenas meio sarcástico. – Sou o ex-filho do Conde de Lankford, mas isso você já sabe.

Quando Shaw segurou a mão que Bryan oferecia, ele o fez na forma tradicional de cumprimento dos vampiros, segurando seu antebraço e não apenas sua mão. Bryan imitou suas ações.

– Muito prazer, Bryan Lankford – Shaw disse. Então soltou o braço do garoto e fez um gesto apontando para a escuridão e para o navio que descansava escondido nela.

– Este é o Navio da Noite, que me levará, e talvez a você também, para a América e minha querida Morada da Noite de Tower Grove.

– Talvez a mim também? Mas achei que... – Shaw levantou a mão, silenciando Bryan.

– Você deve, de fato, se unir a uma Morada da Noite, e rapidamente. Essa marca – Shaw apontou para o contorno da lua

crescente de safira que ainda doía no meio da testa de Bryan – significa que você deve estar na companhia de vampiros adultos até que faça a transformação por completo em um vampiro, ou... – Shaw hesitou.

– Ou que eu morra – Bryan disse no silêncio.

Shaw confirmou solenemente.

– Então você sabe alguma coisa do mundo em que você está prestes a entrar. Sim, jovem dragão, você concluirá a transformação em algum momento durante os próximos quatro anos, ou você morrerá. Esta noite você começou um caminho de vida do qual não há retorno. Eu disse aos guardas de seu pai que você me acompanharia na travessia para o Novo Mundo porque vi que eles planejavam que você partisse da Inglaterra, mas a verdade é que o seu destino mudou quando foi marcado.

– Para melhor ou para pior? – Bryan perguntou.

– Para exatamente o que você mesmo fizer dele, Nyx vai querer – ele disse enigmaticamente, e então continuou. – Você não pode controlar se conseguirá completar a transformação com sucesso, mas você pode decidir onde passará os próximos anos. Se você desejar permanecer na Inglaterra eu posso fazer com que você seja levado à Morada da Noite de Londres – o Rastreador descansou sua mão brevemente no ombro de Bryan. – Você não precisa mais da permissão de sua família para ir atrás do futuro que você mais deseja.

– Ou posso escolher ir com você? – Bryan perguntou.

– Sim, mas antes que você faça sua escolha, acredito que há algo que você deva ver.

Shaw virou-se de frente para o navio, que era visível a Bryan apenas como uma gigantesca e escura sombra, descansando sinistramente sobre a água, amarrado por cordas incrivelmente grossas. Como se ele não tivesse nenhuma dificuldade em olhar através do grosso cobertor da noite, Shaw deu dois passos à frente, para a ponta do píer, e então fez algo que maravilhou Bryan por completo. Ele se virou de forma a encarar a direção sul, levantou suas mãos e disse quatro palavras, suavemente:

– Venha a mim, fogo.

Instantaneamente, Bryan ouviu um barulho crepitante e sentiu uma onda morna no ar ao seu redor. Então, ele engasgou quando viu uma bola de fogo dançar entre as palmas estendidas de Shaw. O vampiro arremessou a bola no que, Bryan agora podia ver, era uma grande tocha parada, cujo topo embebido em óleo imediatamente ficou em chamas.

– Caramba! – Bryan não pôde conter seu espanto. – Como você fez isso?

Shaw sorriu:

– Nossa Deusa presenteou-me com mais do que as habilidades de um guerreiro, mas não é isso que eu queria que você visse.

Shaw levantou a tocha e a segurou na frente deles, de forma que a orgulhosa proa do gigante navio, feito de madeira tão escura que Bryan achou que parecia ser feito da própria noite, repentinamente tornou-se visível. E então o menino piscou surpreso, percebendo exatamente o que via.

– É um dragão! – ele disse, olhando para a escultura do mastro.

Era verdadeiramente espetacular: um dragão negro, as garras estendidas, dentes à mostra, ferozmente pronto para dominar o mundo.

– Pareceu-me, depois dos eventos da noite, ser um bom presságio – Shaw disse.

Bryan olhou fixamente para o dragão e foi preenchido pelo fluxo de sentimentos mais forte que já havia experimentado. Levou algum tempo para perceber o que sentia, e então ele soube: emoção, antecipação e expectativa, tudo isso se misturava dentro dele para criar um único propósito. Seu olhar encontrou o do vampiro.

– Escolho adentrar o dragão.



3.

MORADA DA NOITE DE TOWER GROVE, ST. LOUIS, 1833

– Bom vê-la, Anastasia! Por favor, entre. É uma coincidência feliz você estar aqui. Diana e eu estávamos agora mesmo discutindo sobre como estamos contentes por uma sacerdotisa de encantamentos e rituais tão jovem participar da escola como professora titular, e ia chamar você para dizer como estou satisfeita por quão bem você está se adaptando aqui em Tower Grove.

– Bom vê-las, Pandeia, Diana – Anastasia disse, fechando o punho direito sobre o coração e curvando a cabeça respeitosamente, primeiro para sua Alta Sacerdotisa, Pandeia, e depois para Diana, antes de adentrar o grande e lindamente enfeitado salão.

– Ah, vamos lá, você não precisa ser tão formal conosco quando não estamos na companhia de novatos – Diana, professora de sociologia vampírica e companheira da Alta Sacerdotisa falou mornamente para Anastasia, enquanto alisava uma gata manchada de três cores muito gorda que havia se esparramado em seu colo, ronronando alto.

– Obrigada – Anastasia disse em uma voz quieta que soava mais velha que seus vinte e dois anos.

Diana sorriu.

– Então, diga-nos, apesar de você estar aqui há apenas quinze dias, você está se acostumando? Já parece um lar para você?

O lar, Anastasia pensou automaticamente, nunca havia estado cheio de tanta beleza e liberdade. Ela rapidamente se desvencilhou dos pensamentos e disse educada e honestamente:

– Ainda não exatamente como um lar, mas posso sentir que será. Eu amo a campina e os jardins exuberantes.

Seu olhar foi para a gata gorda e então para a gata cinza, listada como tigre, que havia começado a se enrolar em torno das pernas da Alta Sacerdotisa. Então, ela piscou em surpresa quando viu que ambas as gatas tinham seis dedos em cada pata dianteira.

– Seis dedos? Nunca tinha visto algo assim.

Diana puxou a pata da gata manchada alegremente.

– Alguns dizem que polidáctilos são aberrações da natureza. Eu digo que eles são apenas um pouco mais evoluídos que gatos “normais”. Mais ou menos como os vampiros são mais evoluídos que humanos normais.

– Minha nossa! As patinhas parecem luvinhas de neve! Agora que encontrei a minha Morada da Noite, quero tanto que uma gata me escolha também! Seria maravilhoso se ela tivesse seis dedos!

Então Anastasia percebeu que falava em voz alta seus pensamentos bobos e completou, apressadamente:

– E, é claro, estou gostando muito dos meus alunos e da minha nova turma.

– Fico muito feliz em ouvi-la dizer isso – Pandeia disse, sorrindo suavemente. – E não há nada errado em desejar um gato, de seis dedos ou o que quer que seja. Jovem Anastasia, Diana e eu estávamos prestes a tomar nosso vinho gelado na varanda. Por favor, junte-se a nós.

– Estou agradecida pelo convite – Anastasia disse humildemente. Lembrando-se de não dizer nada bobo, ela seguiu as mulheres e suas gatas enquanto abriam as portas avarandadas e saíam para uma amável varanda banhada pela luz da lua, em que repousavam cadeiras brancas de palha e uma mesa combinando, enfeitada por um vaso de cristal gravado com uma lua crescente perfeita e cheio de rosas vermelhas perfumadas, junto a um balde prateado repleto de gelo e uma garrafa de vinho da cor de cerejas maduras. Taças gravadas com luas crescentes que combinavam com o maravilhoso vaso cintilavam à luz prateada da lua cheia.

Rosas, gelo, vinho e cristal. Estou habituada à simplicidade e regras, ainda que ambas tenham sido equilibradas com amor. Será que me acostumarei a tais luxos? Anastasia ponderou, sentindo-se completamente desconfortável

enquanto sentava em uma das cadeiras e tentava não ajeitar para trás seu longo cabelo louro ou esticar obsessivamente seu vestido. E então ela olhou para seus pés:

– Eu... eu devo servi-la, Sacerdotisa – ela disse sorrindo nervosamente em direção à alta, estatuésca e adulta Alta Sacerdotisa.

Pandeia gargalhou e gentilmente afastou a mão dela da garrafa.

– Anastasia, filha, por favor, sente-se e componha-se. Sou uma Alta Sacerdotisa, o que significa que eu sou mais que capaz de servir vinho para mim e para meus convidados.

Diana beijou sua companheira suavemente no rosto antes de sentar-se.

– Você, minha querida, é mais que capaz de muitas, muitas coisas.

Anastasia viu as bochechas de Pandeia corarem um pouco enquanto o casal dividia um olhar íntimo. As próprias bochechas de Anastasia ficaram mornas enquanto testemunhava a troca, e ela olhou rapidamente para longe. Apesar de ter passado os últimos seis anos imersa na sociedade da Morada da Noite, primeiro como uma novata, depois como sacerdotisa em treinamento e agora como professora, ela ainda achava a sexualidade aberta delas surpreendente.

Frequentemente ela pensava no que sua mãe pensaria dessa sociedade movida pelo poder feminino. Ela aceitaria da forma quieta e reservada com que aceitara a Marcação e Transformação de sua filha? Ou seria chocante demais para ela, a ponto de condená-la, como o resto de sua comunidade faria?

– Estamos deixando você sem jeito? – Diana perguntou, com um sorriso em sua voz.

Anastasia guiou o olhar de volta à Alta Sacerdotisa e sua companheira.

– Imagine! O que é isso! – ela deixou escapar, e então sentiu seu rosto enrubescer e ficar completamente quente, e sabia que deveria estar flamejantemente vermelho. Ela havia soado exatamente como sua mãe, e saber disso a fazia querer rastejar para baixo da mesa e desaparecer.

Você não é mais uma tímida menina Quaker, Anastasia lembrou a si mesma firmemente. *Você é uma vampira completamente transformada, professora e sacerdotisa*. Ela levantou seu queixo e tentou parecer confiante e madura.

Pandeia sorriu gentilmente e levantou uma das três taças de cristal que acabara de encher.

– Gostaria de propor um brinde. A seu sucesso, Anastasia, e à realização de sua primeira quinzena de aulas como nossa professora de encantamentos e rituais. Que você venha a amar a Morada da Noite de Tower Grove tanto quanto nós a amamos.

A Alta Sacerdotisa levantou a mão que não estava segurando a taça de vinho. Ela fechou os olhos e Anastasia viu seus lábios se moverem silenciosamente, e então ela fez um movimento de concha sobre o buquê de rosas, como se estivesse colhendo seu aroma, antes de passar rapidamente os dedos em cada uma das três taças. Anastasia assistiu maravilhada ao vinho em seu copo dançar e então, por apenas um instante, em meio ao líquido que girava apareceu a forma de um botão de rosa perfeito.

– Oh, Deusa! O espírito da rosa! Você o fez aparecer em nosso vinho! – Anastasia deixou escapar.

– Pandeia não fez o espírito da rosa aparecer. A afinidade dela é com o espírito. Nossa Sacerdotisa fez um pedido amoroso em comemoração a você, jovem Anastasia, e a rosa aceitou com prazer – explicou Diana.

Anastasia exalou um longo suspiro.

– Tudo isso – fez uma pausa e seu olhar se deparou com a mesa, as duas vampiras, suas gatas contentes, e a propriedade requintada que as rodeava – me enche com tal sentimento que é como se meu coração estivesse prestes a explodir no meu peito!

Então ela encolheu-se de constrangimento.

– Perdoem-me. Pareço uma criança. Eu só quero dizer que estou agradecida por estar aqui, agradecida por vocês terem me escolhido para participar desta Morada da Noite como sua professora.

– Eu vou lhe contar um segredo, Anastasia. A afinidade com o espírito da Pandeia já fez muitos vampiros que são muito mais velhos e mais experientes do que você sentirem-se como se seu coração pudesse explodir – disse Diana. – Só que eles estavam muito cansados para admitir isso. Eu gosto da sua honestidade. Não a perca com a idade.

– Tentarei não perdê-la – disse Anastasia, e tomou um gole rápido de seu vinho enquanto tentava ordenar seus pensamentos para decidir exatamente como revelaria a Pandeia e Diana o verdadeiro motivo para tê-las visitado esta noite.

Então ela se arrependeu de ter engolido o vinho. Ele era, é claro, misturado com sangue, e o poder dele chiava por todo seu corpo, aumentando seu nervosismo junto ao resto de seus sentidos.

– Eu também gosto da sua honestidade – a Alta Sacerdotisa disse para Anastasia entre um gole e outro de seu próprio vinho, que parecia não afetá-la em absoluto. – Ela foi um dos motivos para escolhermos você para a vaga de professora, mesmo você tendo apenas dois anos de treinamento formal em encantamentos e rituais. Você deve saber que foi muito bem recomendada pela Morada da Noite de Pensilvânia.

– Minha mentora foi gentil, Sacerdotisa – Anastasia disse, colocando sua taça de volta à mesa.

– Também me lembro de ela me dizer que você é fortemente aliada ao elemento terra – Pandeia disse –, o que é outro motivo pelo qual senti que você seria uma boa adição na nossa Morada da Noite. Esse é realmente o portal para o oeste. Aqui o mistério e a majestade da maravilhosa e indomada terra se espalham em ansioso convite para nós, algo que pensei que você apreciaria e acharia motivador.

– Eu acho, mas não afirmo ter uma afinidade verdadeira com a terra – Anastasia explicou. – Eu digo que sinto uma forte conexão com a terra e, às vezes, quando estou especialmente com sorte, a terra me empresta um pouco de seu poder.

Pandeia confirmou com a cabeça e continuou a tomar pequenos goles do seu vinho.

– Você sabe que muitas sacerdotisas não descobrem que têm uma verdadeira afinidade com um dos elementos até que tenham servido à

Deusa por muitas décadas. Você talvez ainda descubra que a terra foi, de fato, dada a você com uma completa afinidade. Você ainda é muito nova, Anastasia.

– Por favor, não se ofenda com minha pergunta, mas qual é exatamente sua verdadeira idade? Você mal parece velha o suficiente para ter sido marcada, quanto mais ter passado pela Transformação – Diana disse, equilibrando sua pergunta bastante dura com um sorriso.

– Diana! – a voz de Pandeia era gentil, mas seu olhar estava marcado com desaprovação, e ela franzia para sua absurdamente linda companheira. – Não convidei Anastasia aqui para interrogá-la.

– Não, não me importo com a pergunta, Sacerdotisa. Na verdade, estou me acostumando a ela – Anastasia disse para Pandeia. Então, voltou seu olhar para Diana. Anastasia levantou apenas um pouco o queixo. – Tenho vinte e dois anos. Minha sacerdotisa mentora em Pensilvânia me disse acreditar que eu fosse a vampira mais jovem da América a se tornar professora titular. É uma honra e tentarei estar à altura sendo séria e aplicada em minha aula e a meus alunos.

– Filha, não tenho dúvidas de que você seja séria e aplicada, mas eu gostaria é que você fosse é terrena também – Pandeia disse.

– Terrena? Perdoe-me, Sacerdotisa, eu não conheço essa palavra.

– Ser terrena é absorver as características da terra. Ser vibrante como um cacho de flores silvestres, fértil como um campo de trigo, sensual como um pomar de pêssegos maduros. Não se sinta simplesmente conectada a terra. Deixe-a infundi-la com suas maravilhas.

– E lembre-se de que você é uma sacerdotisa vampira e professora. Não há necessidade de você se vestir como uma mestra oprimida de uma escola rural humana – Diana adicionou.

– Eu... eu não quero parecer frívola – Anastasia admitiu hesitantemente, olhando para baixo em direção ao corpete de gola alta, sem adornos, e para a saia longa e reta que ela vinha usando (e odiando) desde que havia entrado para a Morada da Noite de Tower Grove e começado a lecionar, duas semanas antes. – Estou tão próxima em idade

dos meus alunos que às vezes é difícil para eles se lembrarem de que sou uma professora.

Pandeia afirmou com a cabeça em compreensão.

– Mas a simples verdade é que você tem a idade próxima da de muitos de nossos novatos. Meu conselho é fazer disso um ponto forte, em vez de algo contra o qual você lute.

– Concordo – Diana disse. – Use sua juventude como uma habilidade em vez de tentar escondê-la atrás de roupas que nenhum de seus anciãos com um gosto decente pensariam em usar. Ela parou e fez um gesto primeiro em direção à túnica em estilo grego que ela vestia e então para a vestimenta de cintura alta, estilo espanhol, e para o decote da blusa de renda branca que sua companheira usava.

– Anastasia, o que Diana está tentando lhe dizer é que não há nada de errado em ser jovem – Pandeia pegou o fio da conversa. – Tenho certeza de que as novatas meninas se sentem confortáveis em ir a você com preocupações que não teriam coragem de mencionar para o restante de nós.

Anastasia suspirou aliviada, tendo recebido a perfeita oportunidade de falar sobre o que estava mais latente em sua cabeça.

– Sim, isso já se provou verdadeiro. É esse, na verdade, o motivo por que a procurei esta noite.

Pandeia franziu o cenho:

– Há algum problema entre os alunos que eu deva conhecer?

– Você quer dizer além de Jesse Biddle? – Diana disse o nome como se apenas pronunciá-lo deixasse um gosto amargo em sua boca.

– Biddle é um problema para todos nós, vampiros e alunos, especialmente desde que os equivocados humanos de St. Louis o fizeram seu xerife – Pandeia disse. Então seu olhar se apertou enquanto estudava Anastasia. – Ele tem assediado nossos novatos?

– Não, não que eu saiba. – Anastasia parou e engoliu a secura em sua garganta, tentando ordenar seus pensamentos de forma que a Alta Sacerdotisa encontrasse valor em suas palavras. – Os novatos não gostam do Xerife Biddle, mas ele não é o foco de suas conversas. Outra

pessoa é e, em minha opinião, ele está criando um grande problema na Morada da Noite como um todo.

– Quem deixa você tão preocupada?

– O novato que chamam de Dragon Lankford – Anastasia disse.

Ambas as vampiras ficaram em silêncio durante batidas demais do coração de Anastasia. Então Diana pareceu tentar esconder um sorriso tomando um longo gole de seu vinho enquanto Pandeia curvava uma sobrancelha para Anastasia e dizia:

– Dragon Lankford? Mas ele esteve fora de Tower Grove competindo nos Jogos Vampíricos pelas últimas duas semanas. Você e ele ainda nem se conheceram, mas você diz que ele está de alguma forma criando um problema para você?

– Não, não para mim. Bem, sim, creio que o problema tem mesmo algo a ver comigo, apesar de não ser tecnicamente meu – Anastasia esfregou sua testa. – Calma, vou começar de novo. Você perguntou se havia um problema entre os alunos que eu conheça, por ser próxima suficiente em idade dos novatos para que eles se sintam confortáveis em conversar comigo. Minha resposta é: sim, eu sei de um problema, e ele foi criado pelo que eu posso chamar de obsessão com esse menino do quinto ano que os estudantes chamam de Dragon.

Diana não tentou mais esconder seu sorriso:

– Ele é dinâmico e muito popular, especialmente com as novatas.

Pandeia balançou a cabeça em acordo:

– A questão é: ele venceu todos os seus oponentes, tanto novatos quanto vampiros, para ganhar o cobiçado título de Mestre Espadachim nos Jogos Vampíricos. É quase inédito em nossa história um novato ter ganhado esse título.

– Sim, eu sei da vitória dele. É só disso que as meninas falavam hoje – Anastasia comentou ironicamente.

– E você vê isso como um problema? As habilidades de espada de Dragon já são impressionantes e ele ainda nem completou a Transformação – disse Diana.

– Se bem que não me surpreenderia se as tatuagens adultas dele aparecessem bem em breve – Pandeia adicionou. – Eu concordo com

Diana. Não há nada de incomum em as meninas se distraírem com Dragon – a Alta Sacerdotisa sorriu. – Quando o conhecer, talvez você também entenda a distração delas.

– Não é a simples distração que me preocupa – Anastasia explicou rapidamente. – É o fato de que ao fim da aula dessa noite um total de quinze novatos, treze meninas e dois meninos, vieram a mim, um por vez, implorando-me por encantamentos de amor para fisgar Dragon Lankford.

Anastasia se sentiu aliviada por, dessa vez, o silêncio das duas mulheres ter se preenchido com expressões de choque e surpresa em vez de divertimento. Finalmente, Pandeia falou.

– Essa notícia é desapontadora, mas não tragicamente desapontadora. Os novatos têm conhecimento da minha política sobre encantamentos amorosos: eles são tolos e podem ser perigosos. O amor não pode ser enfeitiçado ou coagido – disse a Alta Sacerdotisa, e balançou a cabeça, claramente incomodada com os novatos. – Diana, eu gostaria que você desse uma aula na semana que vem sobre o que acontece quando obsessão é confundida com amor.

Diana fez que sim com a cabeça:

– Talvez eu deva começar com a história de Hércules e sua obsessão com a vampira Alta Sacerdotisa Hipólita e o trágico fim que acabou com tudo para ambos. É um conto de cautela que eles deveriam conhecer, mas de que obviamente se esqueceram.

– Uma ótima ideia! – Pandeia olhou para Anastasia com seus grandes olhos castanhos. – Assumo que sua resposta a esses pedidos inadequados foi de lembrar a esses novatos enganados que sob nenhuma circunstância você realizará nenhum tipo de encantamento de amor para eles.

Anastasia inspirou profundamente.

– Não, Sacerdotisa. Essa não foi minha resposta.

– Não foi sua resposta?! Por que você... – Diana começou a falar, mas sua companheira levantou a mão e a interrompeu.

– Explique – foi tudo o que a Alta Sacerdotisa disse.

Anastasia encontrou o olhar da vampira sem vacilar:

– Eu também não vejo utilidade em encantamentos amorosos. Logo que fui marcada e comecei a mostrar talento em encantamentos, meu instinto me disse que encantamentos amorosos eram desonestos. Sou inexperiente, mas não sou inocente. Eu sei que o amor não pode existir com desonestidade.

– Perspicaz, mas não é uma explicação – Pandeia disse.

A jovem professora esticou a espinha e voltou o olhar para Diana.

– Você chamou Lankford de dinâmico e popular, não chamou?

– Chamei.

– Você também diria que ele é arrogante?

Diana levantou um ombro:

– Acredito que sim. Mas isso não é incomum. Muitos dos nossos mais talentosos guerreiros têm um ar de arrogância em torno deles.

– Um ar de arrogância, sim. Mas não é balanceado com a experiência e o controle de um vampiro adulto?

– Sim, é – ela concordou.

Anastasia afirmou com a cabeça e então seu olhar voltou à Alta Sacerdotisa:

– Existem muitas conversas sobre esse Dragon. Eu tenho ouvido cuidadosamente. Você está certa quando diz que eu não o conheço, mas o que eu ouvi dele é que Dragon Lankford é um novato que conta mais com sua espada e seu sorriso do que com sua sabedoria e juízo. Meus instintos me dizem que se meus alunos apaixonados vissem esse novato como ele realmente é, eles logo perderiam o interesse.

– O que exatamente você disse aos novatos? – Pandeia perguntou.

– Eu disse a eles que não poderia quebrar as regras desta Morada da Noite e conjurar um encantamento amoroso, mas o que eu poderia fazer era criar um encantamento de atração para cada um deles.

– Existe uma linha tênue entre um encantamento de atração e um encantamento amoroso – Diana disse.

– Sim, e essa linha é criada pela clareza, honestidade e verdade – Anastasia respondeu.

– Mas eu tenho a sensação de que cada aluno que veio a você estava sendo claro, honesto e verdadeiro sobre querer o amor de Dragon

Lankford – Pandeia disse, parecendo desapontada com sua jovem professora. – Portanto, conjurar um encantamento de atração em Dragon funcionaria como um encantamento amoroso. A semântica é a única coisa que diferencia os dois.

– Isso seria verdade se um encantamento fosse conjurado sobre Dragon. Meu encantamento de atração será conjurado sobre cada um dos alunos que vieram a mim no lugar dele.

O desapontamento de Pandeia se transformou em um sorriso de satisfação:

– Você pretende que o encantamento faça os novatos verem Dragon com mais clareza.

– Ele atrairá para cada um deles uma visão do novato Lankford que é honesta e verdadeira, e não manchada pela paixão infantil com um ego inflado e um lindo sorriso.

– Pode funcionar – Diana disse. – Mas o encantamento exigirá delicadeza e habilidade.

– Meu instinto me diz que nossa jovem professora tem ambos de sobra – disse Pandeia.

– Obrigada por sua confiança em mim, Sacerdotisa – Anastasia quase gritou em alívio. Então ela se levantou:

– Com sua permissão, gostaria de realizar o encantamento hoje à noite, durante a lua cheia.

Pandeia balançou a cabeça afirmativamente em concordância.

– Essa é a hora perfeita para finalizações. Você tem minha permissão, filha.

– É minha intenção finalizar qualquer paixão não saudável esta noite – Anastasia disse, fechando o punho sobre o coração e curvando-se para sua Alta Sacerdotisa e sua companheira.

– Talvez você não acabe com todas as paixões por Dragon esta noite. Alguém pode ainda ser atraído por toda aquela arrogância e charme egoísta e sorridente. – disse Diana atrás dela.

– Então essa pessoa merecerá exatamente o que receber – Anastasia murmurou.



4.

O feitiço começou totalmente, completamente certo. Depois, tudo que Anastasia conseguia fazer era sacudir a cabeça e se perguntar como algo que começou tão bem poderia ter terminado de forma tão desastrosa.

Talvez tenha acontecido porque ela gastou algum tempo para trocar as roupas terrivelmente confinantes que erroneamente começara a usar desde que se tornara uma professora. Afinal, se ela não estivesse naquela parte do encantamento, especialmente naquele exato momento e exato local – se um daqueles elementos tivesse mudado só um pouquinho –, tudo teria mudado.

Bem, tudo havia mudado, de fato, só que não da forma que ela havia planejado.

A sensação do brilho da lua havia sido tão boa, tão certa em seus braços desnudos. Esse foi um dos motivos para ela ter se afastado mais, para mais perto do poderoso rio Mississippi do que havia planejado. A lua parecia estar chamando-a para frente, libertando-a das restrições tolas e autoimpostas que vinha colocando sobre si mesma, o que era, pensando agora, uma tentativa ridícula de ser alguém que ela não era.

Anastasia agora vestia a peça de roupa que ela mais amava: sua saia favorita, longa e macia, da cor do topázio azul. Apenas um mês antes de ter sido chamada para essa nova e maravilhosa Morada da Noite, um vestido indígena de solteiras da tribo Lenape havia inspirado Anastasia. Ela costurara contas de vidro, conchas e uma franja branca de couro por toda a cintura da saia e por toda a parte debaixo do decote da túnica macia e sem mangas. Anastasia girou em um pequeno passo de dança, que fez as conchas e a franja balançarem. *Eu nunca usarei aquelas terríveis e opressoras roupas novamente. Quando eu era uma humana, aquilo era tudo que me permitiam vestir. Eu não cometerei esse erro de novo,* disse

severamente a si mesma. E então levantou sua cabeça e falou para a lua, pendurada pesadamente no céu de tinta:

– Esta é quem eu sou! Sou uma professora vampira, uma especialista em encantamentos e rituais. E sou jovem e livre!

Ela iria aceitar o conselho de sua Alta Sacerdotisa. Anastasia ia ser terrena. Encontraria força em sua juventude.

– Também me vestirei como desejar, e não como se fosse uma arcaica mestra de escola rural...

Ou uma Quaker da Pensilvânia, como a família humana que deixei para trás há seis anos, quando fui marcada, ela completou em silêncio. Ela se lembraria de guardar a parte pacífica e amável de seu passado à parte de suas restrições e impedimentos.

– Eu sou terrena! – ela disse alegremente, praticamente dançando pelo mato alto que cobria boa parte da campina que rodeava a Morada da Noite de Tower Grove.

Não era apenas liberdade física o que a troca de roupas dava a Anastasia, era a sensação de liberdade que a confiança que Pandeia depositara nela que fazia toda a diferença. Some a isso o fato de que a noite estava morna e limpa, e Anastasia ia fazer algo que dava a ela uma alegria quase indescritível: ela lançaria um feitiço que iria beneficiar de verdade uma Morada da Noite. A sua Morada da Noite.

Mas ter parado no campo salpicado de girassóis silvestres havia sido um erro descuidado. Ela sabia que girassóis atraíam amor e desejo, mas Anastasia não estava pensando em amor.

Ela estava pensando sobre a beleza da noite e a fascinação da campina. E a verdade é que ela sempre amara girassóis!

A pradaria era exuberante, de tirar o fôlego. Era perto o suficiente do rio Mississippi para que Anastasia pudesse ver os salgueiros e os arbustos que contornavam a margem oeste, alta como um penhasco. Ela não podia ver o rio em si por causa das árvores e do penhasco, mas conseguia sentir seu cheiro, aquele aroma rico que sussurrava falando sobre a fertilidade da terra, sobre a força e o compromisso.

No meio da campina, perfeitamente localizada para capturar toda a luz prateada da lua cheia, ficava uma enorme e chata pedra de arenito,

perfeita para o altar que ela precisaria para lançar o seu encantamento.

Anastasia colocou sua cesta de encantamentos no chão, ao lado da grande rocha, e começou a separar os ingredientes para o ritual. Primeiro ela tirou o cálice de prata que sua mentora havia dado a ela como um presente de despedida. Era simples, mas lindo, enfeitado apenas com o contorno gravado de Nyx, com os braços levantados envolvendo a lua crescente sobre ela. Então, Anastasia desenrolou o pano de altar verde e brilhante do pequeno jarro arrolhado, cheio de vinho temperado com sangue, e o abriu sacudindo, deixando-o descansar naturalmente no topo da rocha. Ela colocou o cálice no centro da pedra, e então retirou o grande pedaço de papel-manteiga da cesta, abrindo-o para expor o pão fresco, a rodela de queijo e as fatias grossas de um cheiroso bacon cozido que havia dentro. Sorrindo, ela colocou o papel e os alimentos ao lado do cálice, que demorou um pouco para encher.

Satisfeita com os aromas e a visão do banquete, que representava a oferenda da Deusa, ela então pegou cinco velas em forma de pilar da cesta. Anastasia achou a direção norte facilmente virando-se na direção do rio, e foi na parte mais ao norte da pedra que ela colocou o pilar verde, representando o elemento de que se sentia mais próxima, a terra. Enquanto ela colocava o restante das velas em suas direções correspondentes – amarelo do ar ao leste, vermelho do fogo ao sul, azul da água ao oeste, e a vela púrpura do espírito no centro –, Anastasia controlava sua respiração. Tomava ar profundamente, imaginando puxar o ar infundido com o poder da terra vindo do chão para dentro de seu corpo. Ela pensava em seus alunos e em como queria o melhor para eles, e como o melhor significava que eles deveriam ver uns aos outros claramente e ir adiante em seus caminhos com verdade e honestidade. Quando as velas estavam postas, Anastasia tirou o resto dos itens da cesta de encantamentos: uma longa trança de capim, uma lata que guardava palitos de fósforo com uma fita para acendê-los e três sacos de veludo pequenos. Um continha folhas secas de louro, outro estava preenchido de espinhos pontudos de cedro e o terceiro, pesado, possuía sal marinho.

Anastasia fechou seus olhos e enviou a mesma oração silenciosa e sincera que sempre enviava antes de cada encantamento ou ritual que ela já tentara. *Nyx, você tem meu juramento de que pretendo apenas o bem no encantamento em que trabalho esta noite.* Anastasia abriu seus olhos e virou primeiro para o leste, acendendo a vela amarela do ar e chamando o elemento para o seu círculo numa voz clara, usando palavras simples:

– Ar, por favor, una-se a meu círculo e fortaleça meu encantamento.

Movendo-se em sentido horário, ela acendeu todas as cinco velas, chamando um elemento por vez, completando o círculo do encantamento acendendo a vela púrpura do espírito no centro do altar.

Então ela olhou para o norte, tomou outro fôlego profundo e começou a falar com seu coração e alma.

– Começo com o capim, para purificar este espaço.

Ela fez uma pausa para segurar a ponta da trança sobre a chama da vela verde da terra. Quando acendeu, ela o moveu graciosamente em torno dela em um laço preguiçoso, enchendo o ar acima da rocha do altar com a fumaça espessa que se desenrolava em ondas.

– Qualquer energia negativa deve sair sem deixar vestígios.

Ela colocou de lado a trança ainda esfumaçada e levantou sua mão esquerda em forma de concha. Então ela pegou o primeiro dos sacos de veludo. Enquanto triturava as folhas secas na palma de sua mão, continuou o encantamento:

– Consciência e clareza vêm com essas folhas de louro. Pela terra chamo seu poder hoje.

Os espinhos de cedro vieram em seguida. Anastasia respirou seu aroma enquanto os misturava com as folhas trituradas na palma de sua mão, dizendo:

– Cedro, de você é a coragem, proteção e autocontrole que busco. Emprésteme sua força, para que meu encantamento não seja fraco.

Do último saco de veludo ela retirou pequenos cristais de sal marinho, mas, em vez de adicioná-los aos outros ingredientes, Anastasia levantou a palma da sua mão, que estava agora cheia da mistura de louro e cedro. Ela jogou a cabeça para trás, adorando a

sensação de que um vento morno, beijado pelo fogo, que cheirava à água do rio, estivesse levantando uma mecha espessa de seu cabelo louro, evidenciando o fato de que os elementos haviam mesmo se unido a seu círculo e que estavam ali esperando para receber e realizar seu pedido. Conforme começou a falar as palavras do encantamento, a voz de Anastasia tomou um tom amável de canção, de forma que soava como se estivesse recitando um poema acompanhado de uma música que apenas sua alma podia ouvir.

– Um encantamento de atração é no que trabalho esta noite. Meu desejo é lançar claridade de visão. Com as folhas de louro revelarei a verdade importante. O amor não deve se basear em juventude arrogante. A força do cedro protege das más ações do garoto, empresta coragem e controle para atingir os objetivos.

O sal pareceu escorregadio contra os dedos de Anastasia enquanto ela adicionava o ingrediente final para seu encantamento.

– O sal é a chave que prende este encantamento a mim.

Ela se moveu para a vela verde, tomou mais um fôlego e pôs em ordem seus pensamentos. Era agora que ela precisava evocar o nome de Dragon Lankford e então falar o nome de cada um dos quinze alunos, polvilhando um pouco do que agora era uma mistura magicamente infundida na vela da terra, enquanto ela esperava e rezava para que cada encantamento funcionasse e cada aluno visse Dragon com clareza, verdade e honestidade.

– Nesta chama, a magia corta como uma espada, atraindo apenas a verdade de Bryan Lankford!

Quando ela disse seu nome, aconteceu. Anastasia deveria estar aspergindo o primeiro punhado da mistura na chama e falando o nome de Doreen Ronney, completamente obcecada por Lankford, mas no lugar disso a noite explodiu ao seu redor em caos e testosterona, quando um jovem novato surgiu do nada de trás do espinheiro branco mais próximo, com a espada em punho.

– Mova-se! Você corre perigo! – ele gritou para Anastasia, dando-lhe um forte empurrão.

Desequilibrada, seus braços se agitaram no ar, de forma que a mistura foi jogada para cima, cada vez mais para cima, enquanto ela foi para baixo, cada vez mais para baixo, caindo desajeitadamente de bunda no chão. E no chão ela se sentou, assistindo a tudo horrorizada e boquiaberta, enquanto o vento morno que estivera presente desde que ela abrisse seu círculo de encantamentos atingiu a mistura mágica e soprou, jogando toda a mistura diretamente no rosto do novato.

O tempo pareceu suspenso. Era como se a realidade, por um instante, tivesse se deslocado e dividido. Por um segundo, Anastasia estava olhando para cima, para o novato, congelado naquele momento, espada em punho como a estátua de um jovem deus guerreiro. Então o ar entre ela e o novato, estático, começou a brilhar com uma luz que lembrava a luz de uma vela. A luz ondulou e se agitou, brilhando tanto que Anastasia teve de levantar uma mão para proteger seus olhos. Enquanto ela apertava os olhos contra o reflexo, o brilho se dividiu ao meio, como se envolvesse o corpo do novato em luz tangível, e do centro, justaposto em frente ao garoto, Anastasia viu outra figura. A princípio, era indistinguível. Então ela deu um passo à frente, na direção da figura, de forma que a luz a iluminou e bloqueou totalmente sua visão do novato.

Ele tinha mais ou menos a mesma altura e tamanho do garoto. Ele também empunhava uma espada. Anastasia olhou para seu rosto. Seu primeiro pensamento, seguido rapidamente de choque e surpresa, foi: Ele tem um rosto bondoso. Bonito, na verdade. Então ela engasgou, percebendo o que via.

– Você é ele! O novato atrás de você. É você!

Mas não era bem o garoto. Isso era claro. Essa nova pessoa era um homem adulto, um vampiro com tatuagens incrivelmente exóticas de dois dragões que encaravam a forma crescente no centro da testa dele, corpos, asas e caudas descendo por seu rosto para formar um maxilar firme e lábios carnudos, lábios que se inclinavam em um charmoso e desarmador sorriso.

– Não, você não é o novato – ela disse, olhando dos seus lábios até seus olhos castanhos, que eram uma reflexão brilhante de seu sorriso.

– Você me atraiu, Anastasia. Você deveria saber quem sou eu – sua voz era profunda e agradável para ela.

– Eu o atraí? Mas eu... – Sua voz se perdeu.

O que ela havia dito imediatamente antes de o novato aparecer e se meter no seu encantamento? Ah, ela se lembrou!

– Eu havia acabado de dizer: “Nesta chama, a magia corta como uma espada, atraindo apenas a verdade de Bryan Lankford!”.

Anastasia interrompeu suas próprias palavras, olhando fixamente para as tatuagens do vampiro... tatuagens de dragões.

– Como isso é possível? Você não pode ser Bryan Lankford! E como você sabe meu nome?

Seu sorriso se abriu.

– Você é tão jovem. Havia me esquecido. – Segurando o olhar dela com o seu, ele fez um cumprimento cortês. – Anastasia, minha querida, minha sacerdotisa, Bryan Lankford é exatamente quem você atraiu. Eu sou ele – riu brevemente. – E ninguém me chama de Bryan além de você há muito, muito tempo.

– Eu não quis literalmente atrair você! E você é velho! – ela deixou escapar, e então sentiu seu rosto enrubescendo. – Não, não quero dizer velho, velho. Quero dizer que você é mais velho que um novato. Você é um vampiro transformado. Apesar de não ser um vampiro velho.

Anastasia desejou desesperadamente poder desaparecer sob a pedra do altar.

A gargalhada de Bryan era morna, sincera e muito convincente.

– Você pediu pela minha verdade, e é isso que você conjurou. Minha querida, este é quem eu me tornarei no futuro, por isso eu sou, como você diz, velho e um vampiro completamente transformado. Aquele novato ali, atrás de mim, é quem eu sou hoje. Mais jovem, sim, mas também imprudente e cheio de si.

– Por que você me conhece? E por que me chama de “minha querida”?

E por que você faz meu coração parecer um pássaro animado prestes a voar? – ela completou silenciosamente para si mesma, sem conseguir falar essas palavras em voz alta.

Ele se aproximou e agachou ao lado dela. Lentamente, reverentemente, ele tocou seu rosto. Ela não conseguia de fato sentir sua mão, mas por seu hálito podia sentir sua proximidade.

– Eu conheço você porque você é minha, assim como eu sou seu. Anastasia, olhe em meus olhos. Diga-me com honestidade o que você vê.

Ela teve de fazer o que ele pediu. Não tinha escolha. O olhar dele a hipnotizava, como tudo mais sobre esse vampiro. Ela olhou em seus olhos e se perdeu no que viu: a bondade e a força, integridade e humor, sabedoria e amor, total e completo amor. Nos olhos dele, Anastasia reconheceu tudo o que ela sempre imaginou que um homem seria.

– Vejo um vampiro que eu poderia amar – ela disse sem hesitar.

E então completou rapidamente:

– Mas você é um guerreiro, isso é óbvio, e eu não posso...

– Você vê o vampiro que você ama – ele disse. Interrompendo-a, ele se inclinou para frente, segurou o rosto dela em sua mão e pressionou seus lábios contra os dela.

Anastasia não deveria ter sido capaz de sentir nada. Mais tarde, repassou a cena diversas vezes em sua mente, tentando entender como um fantasma conjurado de um homem poderia tê-la feito sentir tanto sem ser, de fato, capaz de tocá-la. Mas ali tudo o que ela podia fazer era tremer e segurar seu fôlego conforme o desejo por ele, real ou imaginado, pulsava por seu corpo.

– Ahhh – ela soltou a exclamação em um suspiro enquanto ele se movia lentamente, pesarosamente para longe dela.

– Meu amor, minha querida, sou um vampiro e um guerreiro. Sei que parece impossível no momento, mas eu acredito que a verdade é que me tornarei a pessoa que você vê: o homem de bondade e força, integridade e humor, sabedoria e amor. Eu preciso de você. Sem você, sem nós, sou apenas um invólucro do que devo ser. Só você pode fazer o homem mais forte que o dragão. Lembre-se disso quando a versão jovem, impaciente e arrogante de mim tentar deixá-la maluca – ele continuou a se afastar dela.

– Não vá embora!

Seu sorriso preencheu o coração de Anastasia.

– Não estou indo embora. Eu nunca a deixarei por minha vontade, minha querida. Estarei bem aqui, crescendo e aprendendo.

Ele olhou para trás, para a estátua paralisada de um novato, e gargalhou, encontrando o olhar dela novamente.

– Ainda que seja difícil para você acreditar em alguns momentos, nos dê uma chance, Anastasia. Seja paciente comigo. Nós valemos a pena. Ah! E não me deixe matar o urso. Ele não iria machucar você. Ele, assim como eu, foi atraído até você apenas porque um encantamento saiu levemente, magicamente, errado. Nem ele, nem eu – ele interrompeu e sua voz profunda ficou mais leve –, nem meu “eu” jovem e arrogante têm nada de mau em mente esta noite. E minha querida, meu amor, eu nunca deixarei nada machucá-la.

Ao falar essas últimas palavras, Anastasia sentiu um arrepio gelado passar por seu corpo como se algum deus ou deusa tivesse despejado água gelada em suas veias. Enquanto ela tremia com uma estranha mistura de pressentimento e desejo, o espectro adulto de Bryan Lankford, com seu olhar ainda preso ao dela, foi para trás. Um raio de luz se fez quando ele foi absorvido pela versão mais nova dele mesmo, que instantaneamente voltou a se mover.

Sentindo-se como se tivesse sido atingida por uma locomotiva de um daqueles enormes trens que atravessavam a América, Anastasia assistiu à versão mais nova do vampiro, cujo toque etéreo ainda ecoava em seu corpo. Ele estava esfregando seus olhos lacrimejantes com uma mão, enquanto com a outra ele empunhava a espada em direção ao enorme urso marrom que havia aparecido tão repentinamente na frente dele apenas nas patas traseiras. Era tão grande que Anastasia pensou por um instante se tratar, como a versão mais velha de Bryan Lankford, de uma conjuração de seu encantamento, e que devia ser na verdade névoa e magia, fumaça e sombras.

Então o urso urrou, fazendo o próprio ar em torno dela vibrar, e Anastasia soube que não era uma ilusão.

Os olhos de Lankford melhoravam rapidamente, e ele se movia com intenção mortal em direção à criatura.

– Não o machuque! – Anastasia gritou. – O urso foi acidentalmente trazido aqui por meu encantamento, ele não tem intenções ruins.

Bryan deu um passo para trás, para longe do alcance imediato das garras da criatura. Anastasia assistiu a ele olhar o urso de cima a baixo.

– Você sabe disso por sua magia? – ele perguntou sem tirar seus olhos do animal.

– Sim! Dou minha palavra – ela disse.

Bryan olhou rapidamente para ela e Anastasia sentiu uma estranha fagulha de reconhecimento naquele olhar. Então o novato piscou os olhos e disse:

– É melhor que você esteja certa.

Anastasia teve de apertar os lábios para não gritar para ele: *Sua versão crescida não teria dito isso!*

Ela duvidava de que ele tivesse ouvido seu grito. Ele já tinha voltado sua atenção completamente para o urso.

A grande criatura se aproximava como uma torre sobre o menino, mas Bryan simplesmente se abaixou, pegou a vela mais perto dele de cima do altar e a segurou à sua frente. A chama da vela vermelha queimava como uma tocha.

– Ah! Vá embora! – ele gritou com uma voz que carregava mais imperatividade do que ela poderia esperar de alguém que não era nem um vampiro... ainda. – Saia daqui! Vamos! Isso tudo foi um acidente. A sacerdotisa não tinha intenção de atrair você.

O urso deu um passo para trás com o brilho da vela, bufando e rosnando. Bryan deu um passo à frente:

– Eu disse: vá!

Com uma grande sensação de alívio, Anastasia viu a besta cair com as quatro patas no chão e, com uma última bufada para o novato, foi embora cambaleando em direção ao rio.

Agindo puramente por instinto, ela ficou de pé e correu na direção de Bryan.

– Certo, você está bem. Você está segura agora. Tudo está sob controle... – ele ainda estava falando quando ela o ignorou e tomou a vela vermelha ainda flamejante de sua mão.

– Não quebre o círculo. Este encantamento tem muito poder para ser desperdiçado – ela disse severamente.

Anastasia não olhou para ele, ela não queria se distrair. Em vez disso, cobriu a chama, protegendo-a com a mão, e cuidadosamente a colocou de volta em seu lugar, na parte leste do altar, antes de se virar para encarar Bryan Lankford.

Seu cabelo era loiro, longo e volumoso, e amarrado para trás, o que a fez se lembrar do cabelo do Bryan mais velho, que também tinha a mesma cor clara, longo e volumoso, mas que estivera solto em seus ombros, emoldurando seu rosto bondoso. Teria sido um pouco de cinza perto das têmporas? De alguma forma, ela não conseguia se lembrar, ainda que pudesse lembrar a cor exata de seus lindos olhos castanhos.

– O que foi? Eu não quebrei seu círculo. A vela nem apagou. Veja, ela está de volta ao lugar em que estava.

Anastasia percebeu que estivera olhando para ele sem falar. *Ele deve achar que sou completamente louca.* Ela abriu a boca para dizer algo que explicaria um pouco da estranheza da noite, e então realmente olhou para ele, para o jovem Bryan Lankford à sua frente. Ele tinha sal espalhado por todo o seu rosto, alguns cristais haviam ficado presos em suas sobrancelhas, e seu cabelo estava coberto com pedaços de folhas de louro e espinhos de cedro. O riso súbito de Anastasia surpreendeu os dois.

As sobrancelhas dele se levantaram.

– Eu arrisco minha vida para salvar você de uma criatura selvagem e você ri de mim? – Ele tentava parecer sério e ofendido, mas Anastasia podia ver a centelha de humor naqueles olhos castanhos.

– Você está vestindo os ingredientes do meu encantamento e, sim, isso faz você parecer engraçado.

E também o fazia parecer jovial e muito bonito, mas ela guardou essa parte para si mesma. Ou ao menos ela pensou que havia guardado essa parte para si mesma. Enquanto os dois estavam parados ali, olhando um para o outro, a centelha nos olhos de Bryan pareceu se tornar consciente. Quando os lábios dele começaram a se inclinar, o

estômago de Anastasia deu uma estranha e leve revirada, e ela completou rapidamente:

– Ainda que eu não deva rir, não importa o quão engraçado você pareça. Os ingredientes do meu encantamento espalhados sobre seu corpo significam que eu terei de refazer toda a mistura.

– Então você não deveria tê-la jogado em mim – ele disse com uma virada arrogante de cabeça.

O divertimento de Anastasia começou a sumir.

– Eu não joguei em você. O vento a soprou no seu rosto quando eu caí porque você me empurrou.

– É mesmo? – ele levantou um dedo, como se descobrindo a direção da brisa. – Que vento?

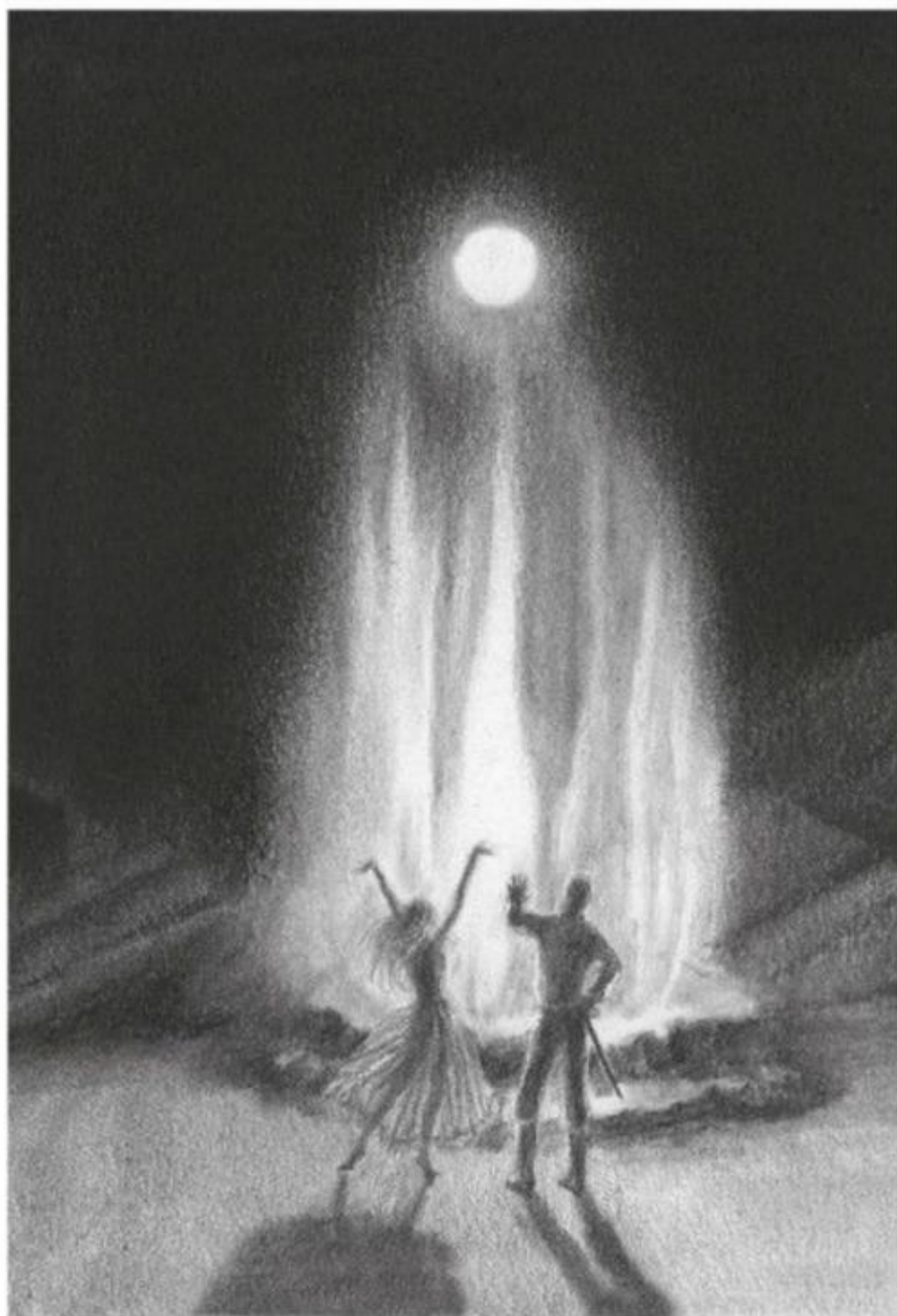
A careta de Anastasia piorou.

– Ele deve ter soprado e ido embora, ou então se acalmou por causa da interrupção do meu encantamento.

– E eu não empurrei você – ele continuou, como se ela não tivesse falado. – Eu a movi para trás de mim para que pudesse protegê-la.

– Eu não preciso que você me proteja. O urso foi um acidente. Ele estava confuso e não era perigoso. Eu estava conjurando um encantamento de atração e de alguma forma o urso foi pego por ele – ela explicou.

– Então era um encantamento de atração – A irritação que começara a aparecer em sua voz desapareceu, para ser substituída por uma risada arrogante e outro olhar consciente. – É por isso que você chamou meu nome. Você me quer.



*image
not
available*

ervas tocarem você, isso ajudará a emprestar força para o encantamento. Você acha que consegue completar ao menos algumas das partes do processo do encantamento se eu o guiar?

Ele engoliu sua irritação. Ela não soou mandona. Ela soou como se realmente não tivesse considerado a possibilidade de que ele poderia gostar das aulas, de que podia ser bom em qualquer outra coisa além de espada. A professora Anastasia ia se surpreender.

– Se você precisa perguntar, não deve ter lido meu histórico das aulas do professor anterior de encantamentos e rituais – ele disse maliciosamente, esperando que seu tom a fizesse acreditar que teria encontrado uma nota ruim atrás da outra. A jovem professora suspirou profundamente.

– Não, eu não li.

– Então tudo o que você realmente sabe sobre mim é o quanto alguns dos outros novatos estão apaixonados por mim.

Os olhos dela encontraram os dele e, novamente, ele viu uma emoção que não podia identificar em sua profundidade de centáureas-azuis.

– Eu sei que um dia você será um guerreiro, mas isso não significa que você possa lançar um encantamento.

– Tudo o que posso fazer é dar minha palavra de que farei o meu melhor esta noite – Bryan disse, perguntando-se por que se importava com o que ela pensava.

Anastasia parou, como se estivesse escolhendo a resposta cuidadosamente. Quando ela finalmente falou, foi apenas para dizer um simples:

– Obrigado, Bryan – e ela curvou sua cabeça de modo suave e respeitoso para ele.

– Me chame de Dragon – ele disse, tentando não mostrar o quanto aquele pequeno gesto de respeito o havia afetado.

– Dragon – ela repetiu –, desculpe-me. Eu sempre esqueço. É que “Bryan” parece combinar com você.

– Você saberia que “Dragon”, dragão, combina comigo se estivesse do outro lado da minha espada – ele disse.

*image
not
available*

– Sal é a chave que prende este encantamento a mim.

Então ela guiou as mãos unidas para cima da vela vermelha e, enquanto deixava cair a mistura na chama, disse:

– Nesta chama a mágica corta como uma espada atraindo apenas a verdade de Bryan Dragon Lankford.

Com um *shhhh* a chama consumiu a mistura, queimando tão alto que Dragon teve que puxar sua mão para evitar uma queimadura.



Na Morada da Noite de Tower Grove, quinze jovens novatos interromperam o que faziam subitamente. Era próximo o suficiente do crepúsculo para sete deles já estarem dormindo, e em seus sonhos pairou uma sugestão, com cheiro de louro e cedro.

Isto então é verdade e não mudará: o futuro de Dragon Lankford não os tocará...

Sally McKenzie estava dando risadinhas com sua colega de quarto, Isis, e falando de quão bonito Dragon era quando subitamente inclinou a cabeça e disse:

– Eu... eu acho que devemos mudar de ideia. *Ele é corajoso, ele é forte. Mas para nós não é bom consorte.*

Isis (suas risadas haviam parado) deu com os ombros e acenou com a cabeça para confirmar. As duas meninas desligaram as luminárias e foram dormir, sentindo-se mais que levemente inquietas.

Na mente dos dois meninos apaixonados surgiu claramente o pensamento: *Você nunca conhecerá de Dragon o toque. Seus desejos não são*

*image
not
available*

Isso fez Biddle parar. Ele prendera essa besta humana enquanto ela absorvia os últimos suspiros da força de um índio xamã que morria. O velho pele-vermelha havia conseguido jogar essa gaiola estranha de prata sobre a criatura, mas o xamã já estava muito fraco, muito perto da morte, para se recuperar do ataque da criatura quando Biddle passou por acaso pela cabana do homem. As últimas palavras do velho foram:

– Queime capim para repeli-lo. Encha a gaiola com pedras de turquesa. Jogue-o em um barril de água salgada para que ele nunca mais possa roubar o poder de outro...

Biddle decidiu, então, que de forma alguma ele gastaria seu tempo seguindo as ordens de um índio velho e morto. Ele começou a ir embora deixando o corpo e a coisa na gaiola para o próximo transeunte limpar. Então a criatura virou os olhos vermelhos para ele. Olhos humanos.

Com quase com tanto nojo quanto fascinação, Biddle se aproximou o bastante para tentar descobrir exatamente o que a coisa era. Foi então que Biddle viu: a escuridão que se movia dentro da sombra que rodeava a coisa. Ele chegou mais perto. Foi então que Biddle sentiu: o poder que saía da criatura, pela gaiola e pelo chão, até o homem morto, e lá ele parou e pairou e então desceu para o sangue que havia empoçado no chão, perto da boca do homem. Algo naquela escuridão sombria, que se contorcia, persuadia Biddle a se mover, a tocá-la. Agindo por um impulso originado na parte mais instintiva de sua mente, Biddle deu um passo entre a gaiola e o homem morto, avançando para as correntes de escuridão.

Ao lembrar, o xerife Biddle fechava seus olhos em êxtase. A dor havia sido gelada, aguda e imediata, mas assim também tinham sido o poder e o prazer que correram através dele quando parte da escuridão foi absorvida por sua pele, indo para sua alma. Biddle não destruiu a criatura, mas a manteve presa e alimentou-a com sangue, apenas ocasionalmente. Porque vai que com a alimentação a coisa ficasse mais forte, exatamente como Biddle ficou? E se ela conseguisse sair da gaiola de prata?

E agora Biddle olhava para a criatura malformada de sombra e tentava convencer a si mesmo de que ele não era um prisioneiro como

*image
not
available*

6.

Seu beijo foi tão inesperado que Anastasia ficou completamente estática com a surpresa. Ela apenas ficou ali, segurando as mãos dele, enquanto Dragon pressionava seus lábios contra os dela.

Se tivesse percebido que ele iria beijá-la, teria se afastado. Mas ela não percebeu, então não se afastou. E foi aí que a coisa mais estranha aconteceu. O toque dele não era nada como ela imaginara. Ele deveria ter sido muito forte, muito desajeitado ou muito exigente. Mas ele não foi. Ele foi doce, forte e hesitante o suficiente para ela saber que ele, também, havia sido pego de surpresa pelo beijo. Ainda assim, Anastasia ia se afastar. Ela deveria ter se afastado. E teria, se não tivesse se lembrado do vampiro completamente transformado, de olhos bondosos que inspiravam confiança, do sorriso charmoso e jovial e de um beijo que era muito, muito parecido, só que o atual ela podia sentir de verdade. *Minha querida...* Ele a havia chamado de minha querida, e o coração dela havia respondido antes que sua mente pudesse pensar em fazê-lo, que era exatamente o que acontecia naquele momento. Seu corpo estava respondendo ao toque de Bryan antes que sua mente pudesse pensar em pará-lo. Então ela se inclinou sobre ele e correspondeu ao beijo completa e gentilmente.

Enquanto sua mente não pensava e seu corpo estava ocupado sentindo o toque, algo amargamente frio tocou a parte de trás da saia de Anastasia e levantou seu cabelo, fazendo com que a vida real interferisse no beijo deles. Confusa sobre as estranhas sensações vindas por trás dela, Anastasia estava começando a se separar de Bryan quando o som de asas explodiu atrás dos dois.

O som a apavorou. Puro medo pulsou por ela. Anastasia olhou desesperadamente para Bryan:

*image
not
available*

O sol estava começando a se levantar pelos penhascos ao leste quando eles chegaram à porta que levava para os aposentos dos professores na casa principal. Bryan deu a cesta a ela.

– Obrigada – ela disse. – Eu... bem... acho que o vejo na aula.

– Não neste semestre. Mas você me verá.

Anastasia respirou profundamente e então disse:

– Dragon, sobre o beijo...

Ele levantou uma mão para interromper suas palavras.

– Não – ele disse rapidamente. – Não me diga que foi um erro.

– Você é um novato. Eu sou uma professora.

– É isso? Esse é o único problema que você tem comigo?

– É o suficiente – ela disse firmemente.

Em vez de dissuadido, ela viu um longo, lento e triunfante sorriso curvar seus lábios.

– Isso é bom, porque esse é apenas um problema temporário.

Ele segurou a mão dela, levantou-a e beijou sua palma. Então, ainda sorrindo, fechou sua mão em punho sobre seu coração e com perfeito respeito curvou-se para ela e disse:

– Bom vê-la, bom partir, e bom vê-la de novo, Professora Anastasia.

Antes que ela pudesse responder, ele estalou sua bochecha com um rápido beijo, virou-se e foi embora andando, assobiando alegremente.



Dragon estivera certo. Ela se surpreendeu quando viu seu histórico. *Ele é praticamente um aluno perfeito*, ela murmurou para si enquanto folheava os arquivos. Ela também se surpreendeu pela forma como os novatos o trataram, especialmente aqueles que a procuraram pedindo encantamentos amorosos. Eles não o detestavam.

Estava certo que nenhum deles se pendurava nele, ou o bajulava ou flertava abertamente com ele. Bem, nenhum dos novatos que a

*image
not
available*

– Eles nada podem contra nossos guerreiros – Pandeia disse, claramente aborrecida com a direção que a conversa havia tomado.

– Então nos deixe enviar nossos guerreiros para a cidade para ensinar a Biddle que ele não pode assediar nossos novatos! – Diana disse.

Anastasia não pôde mais ficar em silêncio.

– Mas o Alto Conselho não proibiu expressamente que os guerreiros ajam contra os humanos, exceto em defesa?

Diana rosnou:

– Essa é uma regra criada por um conselho que vive em Veneza, um lugar em que é considerado elegante ser um humano desejado por um vampiro. Eles não conseguem entender o que está acontecendo aqui na América não civilizada.

– Basta! – a voz de Pandeia havia mudado completamente, e o poder de sua ordem fez os finos pelos se arrepiarem nos braços de Anastasia. – Diana, suas palavras são inapropriadas. Minha Morada da Noite não se rebelará contra o Alto Conselho. E um humano equivocado não fará uma cidade inteira se voltar contra nós. Devemos nos lembrar de que todos fomos humanos um dia.

Diana curvou sua cabeça:

– Perdoe-me. Não quis desrespeitá-la. É que é impensável que nossos novatos tenham que ter medo de sair do campus a não ser que estejam disfarçados ou na companhia de guerreiros.

– É por isso que concordo com Shaw em ter incluído nosso novo Mestre Espadachim nesta Reunião do Conselho – Pandeia disse. – Dragon, gostaria que você e os alunos do sexto ano homens que mostraram aptidão de guerreiro se certifiquem de que nossas mulheres não deixem o campus sem ao menos um de vocês presente em cada grupo.

– É claro, Alta Sacerdotisa – Dragon disse, fechando sua mão em forma de punho e curvando sua cabeça para Pandeia.

– Sei que não é uma solução ideal para este problema, mas garantirá que nossas meninas não sejam intimidadas com tanta facilidade por Biddle, que, como a maioria dos valentões, provavelmente

*image
not
available*



*image
not
available*

– Eu a quero porque você é linda e inteligente, linda e talentosa e linda e bondosa. Ou ao menos eu pensei que você fosse bondosa. – Ele soltou um longo e frustrado suspiro. – Anastasia, o encantamento que lançamos deveria atrair a verdade sobre mim. Então, eu admito ser arrogante. – Ele encolheu os ombros. – Penso que, com minhas habilidades, um pouco de arrogância é inevitável. Mas eu quero que você entenda que eu querer você não tem nada a ver com conquista ou habilidades predatórias.

Seus olhos castanhos capturaram os dela e ela viu mágoa, não raiva, em suas profundezas. Lentamente ela se aproximou dele e tocou seu braço.

– Você está certo. Você não merece isso de mim. Desculpe-me, Bryan.

Ela suspirou e sacudiu a cabeça, corrigindo-se:

– Eu quis dizer Dragon. Eu estou um pouco confusa sobre o que eu sinto por você.

Ele cobriu a mão dela com a sua.

– Você pode me chamar de Bryan. Eu gosto quando você diz meu nome.

– Bryan – ela disse suavemente, e o sentiu tremer sob sua mão. – Eu não esperava alguém como você em minha vida.

– É porque eu sou um Mestre Espadachim e serei um guerreiro, não é?

Ela fez que sim com a cabeça silenciosamente.

– Por que isso incomoda você?

– Você vai achar que é bobagem.

Ele pegou a mão dela de cima do seu braço e entrelaçou seus dedos aos dela.

– Não, não vou. Eu prometo para você. Diga-me.

– Eu fui criada como uma Quaker. Você sabe o que isso significa?

– Não. Eu já ouvi falar deles. Não são uns fanáticos religiosos?

– Alguns são. Minha família não era tanto quanto o resto da nossa comunidade. Eles... eles me amavam – ela disse hesitantemente, lembrando-se. – Ainda que a comunidade tenha feito eles se afastarem

*image
not
available*

À distância, sobre os sons dos barcos a vapor, ela ouviu o distinto grasnar de um corvo. Anastasia estremeceu.

– Você está com frio? – Bryan a puxou para mais perto. – Tem certeza de que não quer que eu carregue sua cesta de encantamentos? Eu já fiz isso antes – ele disse, sorrindo para ela.

– Eu estou bem. E tenho de carregar a cesta de encantamentos até depois de ter lançado o feitiço. Eu preciso infundi-la com minha energia – ela sorriu para ele. – Você pode carregá-la de volta à carroça.

– Com prazer.

Eles continuaram andando e Anastasia subitamente parou, puxando-o até parar ao lado dela.

– Não. Isso não é inteiramente verdade. Eu não estou bem, e já que você é meu protetor, eu devo ser honesta com você. Algo está errado. Eu me sinto inquieta, com medo.

Ele cobriu a mão dela com a sua.

– Você não precisa ter medo. Eu prometo que sou mais que suficiente para lutar com qualquer xerife humano valentão – Bryan a olhou nos olhos. – Valentões não me ameaçam há muito tempo.

– É sua confiança ou sua arrogância falando?

– Ambas – ele sorriu. – Venha, vamos terminar isso para que possamos ir fazer coisas melhores esta noite.

Ele apontou para uma área parecida com um pequeno parque bem à frente deles e à esquerda.

– A cadeia é o prédio quadrado de pedra do outro lado da área verde da cidade.

– Bom. Sim, vamos fazer logo isso.

Anastasia correu para a frente com Bryan, ignorando o sentimento obscuro que a estava rondando desde a Reunião do Conselho. *É o nervoso, só isso*, ela disse a si mesma. *Minha Morada da Noite está contando comigo e eu estou sendo cortejada por um charmoso novato. Só preciso me concentrar, colocar os pés no chão e fazer o que devo.*

– O que você precisa que eu faça? – Bryan perguntou enquanto andavam pelo pequeno parque e se aproximavam do prédio sério de pedra.

*image
not
available*

que rastejavam sobre sua pele. – Mas eu não consigo chegar perto dela no meio daquele ninho de vampiro.

– *Esta noite ela está por perto. Mate-a lá em cima e traga-a, seja esperto.*

– Você quer dizer que ela está lá fora? Sozinha?

Biddle não pareceu perceber que a voz da criatura havia mudado de um sussurro de serpentina que quase nem era humano para um profundo e melódico cântico que era sedutor demais para ser humano.

– *Dragon Lankford é seu protetor, mas o gélido fogo pode conquistar sua espada sem temor.*

De dentro da jaula a sombria criatura abriu seu papo bem aberto e, com um som terrível de vômito, pedaços grudentos de escuridão voaram de dentro dele, deslizando até Biddle, que veio para a frente avidamente para encontrá-los. Como se saudasse uma amante, ele gemeu de prazer enquanto a escuridão se enrolava em torno de suas pernas e se infiltrava por sua pele, preenchendo-o com um poder que era tão viciante quanto destrutivo.

Inflado com a força emprestada, Biddle puxou a longa faca que passou a carregar desde que capturou a criatura. Desde que começou a alimentá-la com sangue.

– *Depois que o sangue da vampira me alimentar, mais poder para vocccê haverá.*

– Sim! Com mais poder eu posso me livrar daqueles malditos vampiros para sempre! Eu os matarei um a um se for necessário. E começarei esta noite com aquela arrogantezinha desgraçada.

Biddle começou a subir pelas escadas dentro de um poço. Atrás dele a criatura ainda falava:

– *Não se distraia com o menino! Com Anastasia morta ele não é nada além de um brinquedo do destino.*

Biddle puxou sua camisa, riu para si mesmo e ignorou as palavras da criatura.

*image
not
available*

8.

Anastasia sabia que algo estava errado. Ela podia senti-lo, como a mudança que acontece no ar antes de uma tempestade acontecer. Ela estava pedindo a paz profunda de cada um dos cinco elementos quanto o erro se espalhou pela noite, quebrando sua concentração e interrompendo a conjuração do encantamento.

Automaticamente, seu olhar se voltou para Bryan, para ver se ele sabia o que era isso, se sabia o que eles deveriam fazer. Horrorizada, ela olhou bem na hora em que o humano se moveu tão rapidamente que o cérebro dela tentou negar o que seus olhos viam. Ele agarrou Bryan Lankford, Dragon Lankford, Mestre Espadachim dos vampiros, pela garganta e o segurou contra uma árvore, e então começou a sufocá-lo até a morte. Ela não hesitou. Anastasia correu direto até o homem que estava matando Bryan. Gritando seu nome, ela se arremessou contra o homem, tentando fazê-lo soltar Bryan. Ele soltou Bryan, de fato, para poder derrubá-la no chão. Com a cabeça girando, lutando para limpar os pontinhos de luz de seus olhos, Anastasia se arrastou até Bryan, estendendo a sua mão para a dele.

– Bryan! Oh, Deusa, não!

Ele estava tão quieto, e seu pescoço parecia torto, como se estivesse quebrado. Ele não estava respirando. Ela podia ver que ele não estava respirando.

– Deixe-o aí – o humano resmungou.

Ele tentou agarrá-la, mas Anastasia deu uma volta na árvore, evitando seu alcance de louva-a-deus.

– Você quer brincar um pouquinho de esconde-esconde, quer? – o humano gargalhou. – Bem, não há nada de errado com um pouco de

*image
not
available*

– Você cale a boca! – Biddle chutou a gaiola da criatura e a coisa feita de espírito se silenciou em um gemido lamentoso. Então ele começou a circular o escudo brilhante.

– O que é isso? O que você fez, sua bruxa maldita?

– Eu convoquei meu elemento para me proteger. Você não pode me machucar agora – ela levantou a cabeça e o olhou nos olhos. – Não sou uma bruxa. Sou uma sacerdotisa vampira com uma afinidade pela terra, e você não pode me machucar agora! – ela repetiu.

– Não vai durar muito! Não vai durar muito! – Biddle disse, puxando sua camisa nervosamente. – Quando essa luz morrer, você também morrerá.

Anastasia sacudiu a cabeça.

– Você não está entendendo. A terra está me protegendo. A luz não vai morrer, enfraquecer nem falhar. E eu vou ficar sentada bem aqui esperando até minha Alta Sacerdotisa me encontrar. Eu garanto a você, ela vai me achar. A Morada da Noite sabe que eu estou aqui. Eles vão achar a mim e a Bryan – a voz dela começou a falhar, mas ela absorveu mais força da terra embaixo dela e continuou –, e então você pagará pelo que fez esta noite. – O olhar dela foi dele para a coisa que gemia pateticamente na gaiola. – E você terá de pagar pelo que quer que você tenha feito para aquela pobre criatura também.

– Ninguém liga para vampiros ou coisas de fantasmas.

– Isso não é verdade – Anastasia disse, e enquanto falava sentia a verdade de suas palavras. – Existem pessoas boas em St. Louis. Elas fazem negócios conosco. Até se tornam nossos companheiros. Elas não vão gostar do que você fez, da coisa em que você se transformou ou do que você tem aprisionado aqui embaixo.

Ele parou e Anastasia viu o brilho de algo que poderia ter sido uma centelha de sanidade em seus olhos.

– Você sabe que estou certa – ela afirmou. – Apenas vá embora daqui. Vá, antes que outra pessoa se machuque.

Anastasia viu compreensão ou até mesmo arrependimento nos olhos dele, então se ouviu o barulho úmido e violento de uma espada sendo enfiada através de um corpo. Os olhos de Biddle se arregalaram

*image
not
available*

– Obrigado, Bryan – Anastasia disse.

Seu guerreiro a pegou nos braços, dizendo:

– Venha comigo, minha dama, minha querida.

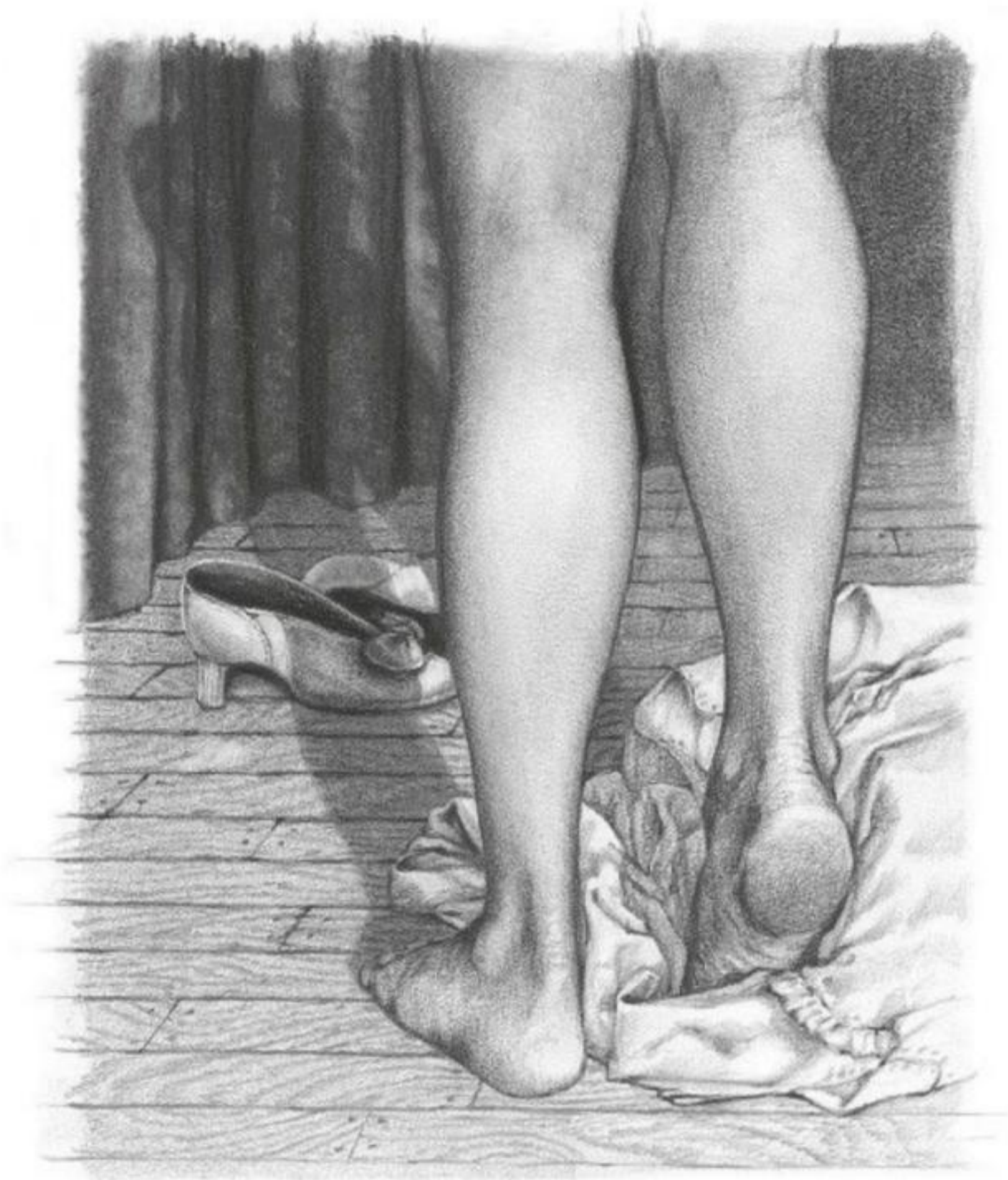
E Anastasia, alegre e inocentemente, foi em direção ao que ela acreditava de verdade que seria o “felizes para sempre” deles.



Ao mesmo tempo, nas entranhas da terra, um prisioneiro alado se mexia e, através dos olhos escarlates da criatura que Dragon Lankford acabara de libertar, Kalona começou a procurar por outra peça do quebra-cabeça que alinharia os destinos e traria à realidade seus desejos para o futuro.

O VOTO
DE
LENOBIA

*image
not
available*



*image
not
available*

muito, o bastante para despertar rumores e sussurros quando as duas garotas começaram a desabrochar em jovens mulheres. Nos últimos dois anos, Lenobia havia aprendido que era melhor evitar a sua irmã e o resto da família do Barão, pois todos pareciam detestar apenas botar os olhos nela. A garota achava mais fácil escapar para os estábulos, um lugar aonde Cecile, a Baronesa e os seus três irmãos raramente iam. Pela sua mente, passou o pensamento de que a sua vida seria muito mais fácil agora que a irmã, que se parecia tanto com ela – mas que não a reconhecia –, estava morta. Ou os olhares sombrios e as palavras ferinas da Baronesa e dos seus garotos iriam ficar ainda piores.

– Eu sinto muito que Cecile morreu – Lenobia falou em voz alta, tentando raciocinar em meio à desordem dos seus pensamentos.

– Eu não desejava nenhum mal para a garota, mas, se ela estava destinada a morrer, fico grata que isso tenha acontecido agora, neste momento – Elizabeth pegou o queixo de sua filha e a forçou a encontrar o seu olhar. – A morte de Cecile vai significar vida para você.

– Vida? Para mim? Mas eu já tenho uma vida.

– Sim, a vida de uma serva bastarda em uma família que despreza o fato de que o seu senhor costuma espalhar a sua semente por aí e depois gosta de ostentar os frutos das suas transgressões, como se isso provasse a sua masculinidade repetidamente. Essa não é a vida que eu desejo para a minha única filha.

– Mas eu não enten...

– Venha e você vai entender – a sua mãe a interrompeu, pegando a sua mão de novo e puxando-a pelo corredor, até que elas chegaram a um pequeno aposento perto de uma das portas dos fundos do *château*. Elizabeth abriu a porta e guiou Lenobia para dentro do quarto mal iluminado. Ela caminhou decididamente até uma grande cesta, como aquelas usadas para carregar a roupa de cama para lavar. De fato, havia um lençol dobrado em cima da cesta. A sua mãe o puxou de lado, deixando à mostra um vestido que refletiu tons de azul, marfim e cinza, mesmo com a luz fraca do ambiente.

Lenobia ficou observando enquanto a sua mãe tirava da cesta o vestido e as caras roupas de baixo, sacudia-os, alisava os seus vincos,

*image
not
available*

– Ótimo. Então está feito – a sua mãe virou-se para pegar uma pequena mala em forma de caixa atrás da cesta de roupas. – Pegue isto. O resto das malas dela foi enviado ao porto há alguns dias.

– *La cassette de Cecile* – Lenobia a segurou com hesitação.

– Não use esse francês vulgar,⁴ não soa bem. É uma mala de viagem. Só isso. Significa o começo de uma nova vida, não o fim de uma.

– As joias de Cecile estão aí dentro. Eu escutei Nicole e Anne falando – Lenobia disse. As outras servas haviam fofocado incessantemente sobre como o Barão ignorara Cecile por dezesseis anos, mas, agora que ela seria enviada para longe, ele havia esbanjado em joias e atenção para ela, enquanto a Baronesa chorava por perder a sua única filha. – Por que o Barão concordou em mandar Cecile para o Novo Mundo?

A sua mãe bufou de desprezo.

– A última amante dele, a cantora de ópera, quase o levou à falência. O Rei está pagando generosamente para filhas virtuosas de nobres que queiram se casar com a nobreza de Nova Orleans.

– O Barão vendeu a sua filha?

– Sim. Os excessos dele compraram uma nova vida para você. Agora vamos, para que você possa obtê-la – a sua mãe abriu uma fresta na porta e espiou o corredor. Então ela se voltou para Lenobia: – Não há ninguém por perto. Coloque o capuz sobre o seu cabelo. Siga-me. Rápido.

– Mas a carruagem vai ser parada pelos cocheiros de libré. Os condutores serão informados sobre Cecile.

– Sim, se a carruagem for autorizada a entrar na propriedade, eles serão informados. É por isso que nós temos que encontrá-la do lado de fora dos portões principais. Você vai embarcar lá.

Não havia tempo para discutir com a sua mãe. Já estava quase na metade da manhã, e normalmente deveria haver servos, comerciantes e visitantes chegando e partindo da propriedade movimentada. Mas naquele dia parecia que havia uma mortalha sobre tudo. Até o sol estava encoberto pela neblina e por nuvens baixas e sombrias que rodopiavam sobre o *château*.

*image
not
available*

Com a mão contra o vidro caro da janela da carruagem, Lenobia chorou, observando a sua mãe e o seu mundo desaparecerem na neblina e se transformarem em lembranças.

- 1 Sim, em francês. (N.T.)
- 2 Mãe, em francês. (N.T.)
- 3 “Bom dia, senhorita Cecile, a sua carruagem a espera”, em francês. (N.T.)
- 4 No original, a personagem afirma que a palavra em francês se parece com *casket*, que em inglês significa caixão, além de porta-joias. (N.T.)
- 5 Filhas do rei, em francês; o termo se refere a jovens mulheres francesas que imigraram para a América do Norte a fim de ajudar a colonizá-la. (N.T.)

*image
not
available*

cinzento, o tempo úmido é muito extenuante.

– Faça com que uma refeição decente e vinho sejam levados imediatamente ao meu escritório – Charles fez um gesto impaciente para um dos coroinhas próximos, que deu um salto nervoso antes de sair apressado para cumprir a ordem. Quando o olhar de Charles voltou para o velho sacerdote, ele viu que De Juigne estava observando o coroinha em retirada com uma expressão que foi o seu primeiro alarme de que havia algo errado com essa visita inesperada. – Venha, Antoine, você realmente parece cansado. O meu escritório é quente e acolhedor. Você vai se sentir mais confortável lá – Charles guiou o velho sacerdote para fora da nave, atravessando a catedral e passando por um agradável e pequeno jardim, até chegar ao seu opulento escritório que ficava ao lado dos seus espaçosos aposentos privados. Durante todo o percurso, o Arcebispo ficou olhando ao redor, silencioso e contemplativo.

Foi só depois que eles finalmente se acomodaram na frente da lareira de mármore de Charles, com uma taça de um excelente vinho tinto em sua mão e uma suntuosa refeição servida diante de si, que De Juigne se dignou a falar.

– O clima do mundo está mudando, Padre Charles.

Charles ergueu as sobrancelhas e pensou se aquele velho era tão tonto quanto parecia. Ela tinha feito toda aquela viagem de Paris até ali para falar sobre o tempo?

– De fato, parece que este inverno está mais quente e mais úmido do que qualquer outro de que eu me lembre – Charles respondeu, desejando que a conversa inútil acabasse logo.

Antoine de Clerc de Juigne aguçou seus olhos azuis, que, havia apenas alguns segundos, pareciam lacrimejantes e desfocados. O seu olhar penetrante atravessou Charles.

– Idiota! Por que eu iria falar sobre o tempo? É o clima do povo que me preocupa.

– Ah, é claro – por um momento, Charles ficou tão surpreso com a rispidez na voz do velho que nem conseguiu sentir raiva. – O povo.

– Fala-se em uma revolução.

*image
not
available*

notado que a minha escolta não é composta por padres. O Papa enviou a sua própria guarda pessoal junto comigo.

Com mãos trêmulas, Charles pegou a bula e quebrou o lacre. Enquanto ele lia, a voz do Arcebispo tomou conta do aposento, como se estivesse narrando a sentença do padre mais jovem.

– Você foi observado de perto por quase um ano. Informes foram passados para a Sua Santidade, que chegou à decisão de que a sua preferência pelo fogo pode não ser a manifestação da influência demoníaca, como muitos acreditam. A Sua Santidade quer dar a você uma oportunidade de usar essa sua afinidade incomum a serviço da igreja, protegendo aqueles que são mais vulneráveis. E não há lugar em que a igreja esteja mais vulnerável do que na Nova França.

Charles chegou ao fim da bula e levantou os olhos para o Arcebispo.

– O Papa está me enviando para Nova Orleans.

– Sim, ele está.

– Eu não vou. Não vou deixar a minha catedral.

– A decisão é sua, Padre Charles. Mas saiba que, se decidir não obedecer, a Sua Santidade ordenou que você seja preso pelos seus guardas, excomungado e considerado culpado de feitiçaria. E então todos nós vamos ver se o seu amor pelo fogo é tão grande quando estiver em chamas amarrado a uma estaca.

– Então eu não tenho escolha.

O Arcebispo encolheu os ombros e então se levantou.

– Se fosse por mim, você não teria escolha alguma.

– Quando eu parto?

– Você deve partir imediatamente. São dois dias de viagem de carruagem até Le Havre. Em três dias o *Minerva* zarpa. A Sua Santidade determina que a sua proteção da Igreja Católica comece no momento em que você pisar no solo do Novo Mundo, onde vai assumir a posição de Bispo da Catedral de Saint Louis – Antoine sorriu com desprezo. – Você não vai achar Nova Orleans tão generosa quanto Évreux, mas pode descobrir que os paroquianos do Novo Mundo são mais capazes de perdoar as suas, digamos, excentricidades – o Arcebispo começou a arrastar os pés em direção à porta, mas fez uma pausa e voltou o olhar

*image
not
available*

cor rosada e brilhante de suas bochechas. Lenobia percebeu que ela estava apavorada.

Lenobia olhou para o resto das garotas do grupo, desta vez realmente as enxergando. Todas eram atraentes, bem-vestidas e tinham mais ou menos a sua idade. Todas também estavam trêmulas e de olhos arregalados. Algumas poucas choravam baixinho. Uma das loirinhas estava balançando a cabeça de um lado para o outro, agarrando um crucifixo cravejado de diamantes pendurado em uma grossa corrente de ouro em seu pescoço. *Todas estão com medo*, Lenobia pensou.

Ela sorriu para Simonette – desta vez conseguindo sorrir de fato.

– Não, eu não estou com medo – Lenobia se ouviu dizer com uma voz que soou muito mais forte do que ela se sentia. – Acho que o navio é lindo.

– Ma-mas eu não sei na-nadar! – a loirinha trêmula gaguejou.

Nadar? Eu estou com medo de ser descoberta como uma impostora, de nunca mais ver a minha mãe de novo e de encarar a vida em uma terra estranha e longínqua. Como ela pode estar preocupada por não saber nadar? A gargalhada que escapou de Lenobia atraiu a atenção de todas as garotas, inclusive da Irmã Marie Madeleine.

– Você está rindo de mim, *mademoiselle*? – a garota perguntou.

Lenobia limpou a garganta e disse:

– Não, é claro que não. Eu só estava pensando em como seria engraçado ver todas nós tentando nadar até o Novo Mundo. Nós seríamos como flores flutuantes – ela riu de novo, desta vez menos histericamente. – Mas não é melhor o fato de termos este magnífico navio para nadar por nós até lá?

– Por que essa conversa sobre nadar? – a Irmã Marie Madeleine interviu. – Nenhuma de nós precisa saber nadar. *Mademoiselle* Cecile estava certa por rir de um pensamento desses – a freira caminhou até a beirada do cais, onde os marinheiros esperavam impacientemente que as garotas começassem a embarcar. – Agora venham comigo. Nós precisamos nos instalar nas nossas cabines para que o *Minerva* possa partir – sem nem olhar para trás, a Irmã Marie Madeleine segurou na mão do marujo mais próximo e entrou desajeitadamente, mas com

*image
not
available*

3.

Assim que Lenobia embarcou no *Minerva*, ela colocou o grosso capuz do seu manto forrado de pele sobre a cabeça. Forçando-se a ignorar o convés vivamente pintado e a energia alvoroçada de tudo à sua volta, com o carregamento de engradados de farinha, sacas de sal, pedaços de carne curada e até cavalos, Lenobia abaixou o queixo e tentou desaparecer. *Cavalos! Também há cavalos viajando conosco?* Ela queria olhar ao redor e prestar atenção em tudo, mas o barco a remo já havia começado a sua viagem de volta até o cais, onde ele iria buscar o companheiro de viagem delas, o Bispo de Évreux. *Preciso ficar abaixada. Eu não posso deixar o Bispo me ver. Acima de tudo, tenho que ser corajosa... ser corajosa... ser corajosa...*

– Cecile? Você está bem? – Simonette estava espiando o seu rosto encapuzado, soando tão preocupada que ela atraiu a atenção da Irmã Marie Madeleine.

– *Mademoiselle Cecile*, está...

– Eu estou me sentindo um pouco indisposta, Irmã – Lenobia a interrompeu, tentando falar baixo e não atrair a atenção de mais ninguém.

– *Aye!*¹² É assim mesmo. Algumas pessoas ficam enjoadas no momento em que colocam os pés no convés – o homem de voz estrondosa que caminhava decididamente na direção delas tinha um peito enorme e um rosto corado e carnudo que contrastava dramaticamente com o seu casaco azul escuro com dragonas douradas nos ombros. – Sinto muito, mas a sua reação é um mau presságio de como você vai passar na viagem, *mademoiselle*. Digo que, apesar de eu já ter perdido passageiros no mar, nunca perdi nenhum por causa de enjoo.

*image
not
available*

Lenobia soltou um longo suspiro e atirou o capuz do seu manto para trás, junto com o seu cabelo loiro-platinado. Sem perder nem mais um minuto do seu precioso tempo, ela arrastou o grande baú, em que estava gravado a ouro *cecile marson de la tour d'auvergne*, até o fundo do quarto, perto do catre que havia escolhido para dormir. Lenobia colocou o baú embaixo de uma das janelas redondas e subiu em cima dele, puxando o gancho de metal que mantinha o vidro fechado, e então inspirou profundamente o ar fresco e úmido.

O grande baú a deixou alta o bastante para ver através da janela. Estupefata, Lenobia mirou a extensão interminável de água. A noite já estava quase começando, mas ainda havia luz suficiente no enorme céu para iluminar as ondas. Lenobia achava que ela nunca tinha visto nada tão fascinante quanto o oceano à noite. O seu corpo oscilava graciosamente com o movimento do navio. Enjoo? Não, absolutamente!

– Mas eu vou fingir que estou enjoada – ela sussurrou em voz alta para o oceano e a noite. – Nem que eu precise manter esse fingimento por todas as oito semanas da viagem.

Oito semanas! Pensar nisso era terrível. Ela havia arfado de choque quando Simonette, sempre tagarela, comentara como era difícil acreditar que elas iriam ficar neste navio por oito semanas inteiras. A Irmã Marie Madeleine tinha dado um olhar estranho para ela, e Lenobia rapidamente disfarçara dando um gemido e apertando o estômago.

– Tenho que ser mais cuidadosa – ela disse a si mesma. – É claro que a Cecile real saberia que a viagem vai durar oito semanas. Preciso ser mais esperta e mais corajosa. E acima de tudo, tenho que evitar o Bispo.

Ela fechou a pequena vigia com relutância, desceu do baú e o abriu. Quando começou a procurar um traje de dormir em meio às caras sedas e rendas, encontrou um pedaço de papel dobrado em cima do monte de tecidos brilhantes. O nome *Cecile* estava escrito com a letra característica da sua mãe. As mãos de Lenobia tremeram um pouco quando ela abriu a carta e leu:

Minha filha,

*image
not
available*

Daquela manhã em diante, isso se tornou parte de seu próprio ritual religioso. Lenobia se tornou, à sua maneira, tão devota quanto a Irmã Marie Madeleine. Todo dia ao amanhecer ela subia furtivamente até o convés, encontrava um ponto de sombra e solidão e assistia ao céu dando as boas-vindas ao sol.

E ao fazer isso, Lenobia agradecia pela beleza que ela tinha a oportunidade de testemunhar. Segurando o rosário de sua mãe, rezava fervorosamente, pedindo para poder ver outro amanhecer em segurança, sem ter o seu segredo descoberto. Ficava no convés enquanto tinha coragem, até que os barulhos da tripulação acordando a levavam para baixo, onde ela entrava despercebida em seu quarto compartilhado e voltava ao fingimento de ser uma solitária frágil e doente.

Foi só depois de ter assistido ao terceiro amanhecer, quando ela voltava para o quarto pelo caminho que já lhe era familiar, que Lenobia encontrou os cavalos e depois ele. Quando estava entrando no corredor da escada, escutou os homens subindo e teve quase certeza de que uma das vozes – a mais rude de todas – pertencia ao Bispo. A reação dela foi imediata. Lenobia segurou as saias do seu vestido e correu na direção oposta, o mais rápido e silenciosamente que podia. Foi se movendo de sombra em sombra, sempre se afastando das vozes. Ela não parou quando encontrou uma pequena porta arqueada que dava para uma escada íngreme e estreita, que descia abruptamente. Ela simplesmente foi pisando degrau por degrau até chegar embaixo.

Lenobia sentiu o cheiro deles antes de vê-los. O aroma de cavalos, feno e esterco eram tão familiares quanto reconfortantes. Ela deveria ter feito uma pausa ali apenas por um momento – tinha certeza de que nenhuma das outras garotas iria prestar atenção nos cavalos por mais do que um instante. Mas Lenobia não era como as outras garotas. Ela sempre amara animais de todos os tipos, mas principalmente cavalos.

Os sons e os cheiros deles atraíam-na, assim como a lua atrai a maré. Havia uma surpreendente quantidade de luz entrando por grandes aberturas retangulares no deque superior, e foi fácil para Lenobia avançar por entre engradados, sacas, contêineres e barris até parar diante de um estábulo provisório. Duas enormes cabeças

Lenobia franziu os olhos para ele.

– Eu gosto de cavalos – para enfatizar o que afirmava, colocou-se entre os dois animais cinzentos e acariciou os seus pescoços grossos. – Eu também gosto de gatos, até dos travessos. E eu não me importo de sujar a minha roupa ou de bagunçar o meu cabelo.

Lenobia viu a surpresa nos olhos verdes e expressivos dele, mas, antes que ele pudesse responder, o som das vozes dos homens lá em cima chegou até eles.

– Eu tenho que voltar. Não posso ser pega – Lenobia se conteve antes de deixar escapar “pelo Bispo” e, em vez disso, concluiu apressadamente: – vagando pelo navio. Eu deveria estar na minha cabine. E-eu não ando me sentindo bem.

– Eu me lembro – Martin disse. – Pareceu indisposta assim que subiu a bordo. Você não parece tão mal agora, apesar de o mar estar agitado hoje.

– Andar um pouco faz com que eu me sinta melhor, mas a Irmã Marie Madeleine acha que isso não é adequado – na verdade, a bondosa Irmã não havia afirmado aquilo. Ela não precisara. Todas as garotas pareciam satisfeitas em ficar sentadas, bordando, fofocando ou tocando uma das duas espinetas¹³ que estavam sendo transportadas junto com elas. Nenhuma delas havia demonstrado o menor interesse em explorar o grande navio.

– A Irmã... ela é uma mulher forte. Acho que até o Comodoro tem um pouco de medo dela – ele falou.

– Eu sei, eu sei, mas, bem, eu só... eu gosto de ver o resto do navio – Lenobia se esforçou para encontrar as palavras certas, que não iriam revelar demais.

Martin assentiu.

– As outras *mademoiselles* raramente saem de suas cabines. Alguns de nós acham que elas podem ser chamadas de *fille à la cassette*, garota porta-joias – ele disse a frase primeiro em francês e depois em inglês, estranhamente ecoando o comentário de sua mãe no dia em que ela havia partido do *château*. Ele inclinou a cabeça e a observou, esfregando

o queixo de modo exageradamente concentrado. – Você não parece muito uma garota porta-joias.

– *Exactement!* É isso que eu estou tentando dizer. Eu não sou como as outras garotas – ela afirmou. Quando as vozes começaram a se aproximar cada vez mais, Lenobia acariciou os dois cavalos para se despedir e então engoliu o seu medo e se virou para encarar o jovem. – Por favor, Martin, você me mostraria como voltar sem passar por lá – ela apontou para a escada íngreme por onde havia descido – e sem ter que atravessar o deque inteiro?

– *Oui* – ele respondeu apenas com uma leve hesitação.

– E você promete que não vai contar a ninguém que eu estive aqui? Por favor?

– *Oui* – ele repetiu. – *Allons-y*.

Martin a guiou rapidamente por um caminho tortuoso através dos montes de carga na parte inferior do navio, até que eles chegaram a uma entrada maior e mais acessível. – Suba por aqui – Martin explicou. – O caminho vai dar no corredor das suas cabines.

– Vou ter que passar pelas cabines da tripulação também, não?

– Sim. Se você encontrar homens, empine o queixo assim – Martin levantou o queixo. – E então olhe para eles do modo como me olhou quando disse que gostava de cavalos e gatos travessos. Eles não vão perturbá-la.

– Obrigada, Martin! Muito obrigada! – Lenobia agradeceu.

– Sabe por que te ajudei?

A pergunta de Martin fez com que ela se virasse para olhar para ele com ar de interrogação.

– Imagino que seja porque você deve ser um homem de bom coração.

Martin balançou a cabeça.

– Não, foi porque você foi corajosa o bastante para me pedir.

A risadinha que escapou de Lenobia foi quase histérica.

– Corajosa? Não, eu tenho medo de tudo!

Ele sorriu.

– Menos de cavalos e de gatos.

Ela retribuiu o sorriso dele, sentindo um calor nas bochechas e um friozinho na barriga, pois ele ficava ainda mais bonito sorrindo.

– Sim – Lenobia tentou fingir que não estava nervosa. – Menos de cavalos e de gatos. Obrigada de novo, Martin.

Ela já tinha quase passado pela porta quando ele acrescentou:

– Eu alimento os cavalos. Todas as manhãs, logo após o amanhecer.

Com as bochechas ainda quentes, Lenobia virou-se para ele.

– Talvez a gente se encontre de novo.

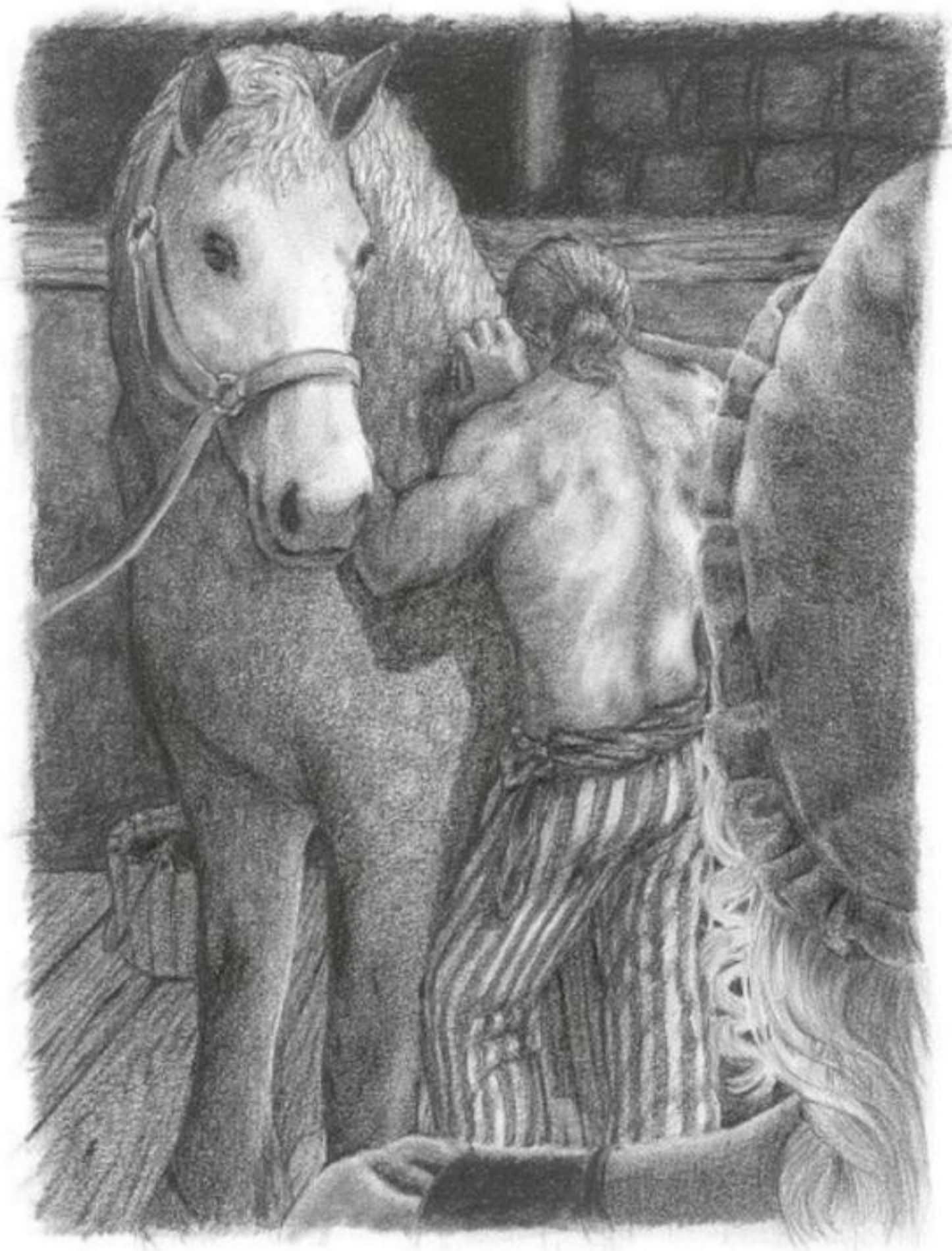
Os olhos verdes dele faiscaram e ele tocou um chapéu imaginário para saudá-la.

– Talvez, *chérie*,¹⁴ talvez.

12 *Aye* é uma expressão escocesa, muito usada por marinheiros e piratas, que significa “sim” ou “sempre”. (N.T.)

13 Antigo instrumento de teclado e cordas, semelhante ao cravo. (N.T.)

14 Querida, em francês. (N.T.)



4.

Nas quatro semanas seguintes, Lenobia viveu em um estado estranho, no meio do caminho entre paz e ansiedade, entre alegria e desespero. O tempo brincava com ela. As horas em que ficava sentada em sua cabine esperando pelo crepúsculo, depois pela noite e então pela alvorada pareciam demorar uma eternidade para passar. Mas quando todos estavam dormindo e ela podia escapar do confinamento da sua prisão autoimposta, as horas transcorriam rapidamente, deixando-a ansiosa por mais.

Vagava pelo navio, mergulhando em liberdade com o ar salgado, assistindo ao sol explodir glorioso no horizonte, e depois se dirigia cuidadosamente para a parte inferior do navio, para a alegria que a aguardava abaixo do convés.

Por algum tempo ela se convenceu de que eram apenas os cavalos que a faziam tão feliz, tão ávida para ir até o compartimento de carga e tão triste quando o tempo passava rápido demais. Quando o navio começava a despertar, tinha que voltar para a sua cabine.

Não podia ter nada a ver com os ombros largos de Martin, nem com o seu sorriso, nem com a faísca nos seus olhos cor de azeitona, nem com o modo como ele a provocava e a fazia rir.

– Esses cinzentos não vão comer esse pão que você trouxe. Ninguém deve comer essa coisa – ele disse rindo na primeira manhã em que ela voltou.

Ela franziu a testa.

– Eles vão comer justamente porque é salgado demais. Cavalos gostam de coisas salgadas – com um pedaço em cada mão, ela ofereceu o pão para os Percherões. Eles farejaram suas mãos e então, com uma delicadeza surpreendente para animais tão grandes, morderam e

mastigaram o pão, balançando a cabeça e fazendo expressões de surpresa que fizeram Lenobia e Martin dar boas risadas juntos.

– Você tinha razão, *chérie!* – Martin falou. – Como sabe o que cavalos gostam de comer, uma dama como você?

– Meu pai tem muitos cavalos. Eu disse que gosto deles. Eu passava bastante tempo nos estábulos – ela respondeu com evasivas.

– E o seu *père*,¹⁵ ele não se importava que a sua filha ficasse nos estábulos?

– Meu pai nunca prestou atenção onde eu estava – ela afirmou, pensando que pelo menos isso era verdade. – E você? Onde aprendeu a lidar com cavalos? – Lenobia desviou o foco da conversa.

– Na plantação dos Rillieux, próxima a Nova Orleans.

– Sim, esse é o nome do homem que você disse que havia encomendado os cavalos. Então o *Monsieur* Rillieux deve confiar bastante em você, já que ele mandou você viajar até a França e voltar a Nova Orleans com os seus cavalos.

– Ele deve confiar. *Monsieur* Rillieux é o meu pai.

– O seu pai? Mas eu pensei... – a voz de Lenobia foi sumindo e ela sentiu as suas bochechas esquentando.

– Você pensou que, como a minha pele é marrom, o meu *père* não poderia ser branco?

Lenobia achou que ele parecia mais ter achado graça do que se ofendido, então ela arriscou dizer o que passava pela sua cabeça.

– Não, eu sei que um dos seus pais tinha que ser branco. O Comodoro chamou você de mulato, e a sua pele não é realmente marrom. É mais clara. Parece mais com creme com apenas um pouco de chocolate misturado – apenas para si mesma, Lenobia pensou: *A pele dele é mais bonita do que qualquer pele totalmente branca poderia ser.* Então ela sentiu de novo as suas bochechas esquentando.

– Quadrarão, *chérie* – Martin sorriu para os olhos dela.

– Quadrarão?

– *Oui*, sou eu. A minha *maman* foi a primeira *placée* de Rillieux. Ela era mulata.

– *Placée?* Não entendo.

– Homens brancos ricos se unem a mulheres de cor em *marriages de la main gauche*.

– Casamentos da mão esquerda?

– Significa casamentos que não são válidos pela lei, mas que são reais em Nova Orleans. Era o caso da minha *maman*, só que ela morreu logo depois do meu nascimento. Rillieux ficou comigo e eu fui criado pelos seus escravos.

– Você é um escravo?

– Não. Eu sou um crioulo. Um homem de cor livre. Eu trabalho para Rillieux – ele contou. Como Lenobia só ficou olhando para ele, tentando absorver tudo que ela havia aprendido, ele sorriu e disse: – Já que você está aqui, quer me ajudar a tratar dos cavalos ou vai sair correndo de volta para o seu quarto, como uma dama respeitável?

Lenobia empinou o queixo.

– Já que estou aqui... eu fico. E vou ajudá-lo.

A hora seguinte passou rapidamente. Os Percherões davam bastante trabalho, e Lenobia ficou ocupada trabalhando com Martin e conversando sobre nada pessoal, apenas discutindo sobre cavalos e os prós e contras do corte de caudas, apesar de ela não parar de pensar o tempo todo em e

Só quando Lenobia se preparava para ir embora, teve coragem de perguntar a Martin algo que não saía de sua mente.

– As As mulheres podem escolher ou elas têm que ficar com qualquer um que as queira?

– Há vários tipos de pessoas, e muitos tipos de arranjos, mas, pelo que tenho visto, tem mais a ver com escolha e amor.

– Ótimo – Lenobia disse. – Fico feliz por elas.

– Você não teve escolha, não é, ? – Martin perguntou, encontrando o olhar dela.

– Eu fiz o que a minha mãe disse que eu devia fazer – ela respondeu sem mentir e então foi embora do compartimento de carga, junto com o aroma dos cavalos e a lembrança de olhos cor de azeitona que ficaram com ela durante o resto daquele dia longo e tedioso.



Aquilo que começou por acaso transformou-se em hábito, e algo que ela racionalmente pensava que era apenas por causa dos cavalos acabou virando a sua alegria – da qual ela precisava para atravessar aquela viagem interminável. Lenobia não podia esperar pela hora de ver Martin, de ouvir o que tinha a dizer, de conversar com ele sobre os seus sonhos e até os seus medos. Ela não tinha a intenção de confiar nele, de gostar dele, de se importar com ele, mas ela não podia evitar. Como poderia ser diferente? Martin era divertido, inteligente e bonito – muito bonito.

– Você está emagrecendo – ele disse no quinto dia.

– Do que você está falando? Eu sempre fui miúda – Lenobia parou por um momento de escovar a crina embaraçada de um dos capões e espiou Martin por trás do pescoço arqueado do animal. – Eu não estou muito magra – ela falou com firmeza.

– Está magra sim, – ele passou por baixo do pescoço do capão e de repente estava ali, ao lado dela, perto, afetuoso e real. Ele pegou o pulso dela delicadamente, segurando-o de modo que o polegar e o indicador se encontraram facilmente. – Viu só? Você está pele e osso.

O toque dele a deixou em choque. Ele era alto e musculoso, mas gentil. Os seus movimentos eram lentos, estáveis, quase hipnóticos. Era como se cada pequeno gesto dele fosse deliberado para não assustá-la. Inesperadamente, ele a fez lembrar um Percherão. Com o polegar, acariciou a parte interna do seu pulso.

– Eu tenho que fingir que não quero comer – ela se ouviu confessando.

– Por que, ?

– É melhor para mim se eu ficar afastada de todos, e o fato de eu estar enjoada me dá um motivo para ficar sozinha.

– De todos? Por que você não se afasta de mim? – ele perguntou corajosamente.

Apesar de sentir o seu coração quase saindo pela boca, ela soltou o próprio pulso do aperto suave dele e deu um olhar duro para Martin.

– Eu venho pelos cavalos, e não por você.

– Ah, ¹⁶ Claro – ele afagou o pescoço do capão, mas não sorriu como ela esperava nem brincou de novo. Em vez disso, ele apenas a olhou, como se pudesse ver a suavidade do seu coração através da sua dura fachada. Ele não disse mais nada e apenas entregou para ela uma das escovas grossas que estavam em um balde próximo. – Ele gosta mais desta.

– Obrigada – ela agradeceu, pegou a escova e foi para o outro lado do corpo grande do capão.

Houve apenas um silêncio rápido e desconfortável, até que Lenobia ouviu a voz de Martin do outro lado do cavalo do qual ela estava cuidando.

– Então, ¹⁷ , qual história você prefere que eu conte hoje? Uma sobre como nada que se planta na terra escura da Nova França cresce mais alto do que estes ¹⁷ , ou uma sobre as pérolas nos ¹⁷ das belas ¹⁷ e como as mulheres andam com eles pelas praças?

– Conte-me a história das mulheres... das ¹⁷ – Lenobia pediu e então ficou escutando atentamente, enquanto as palavras de Martin desenhavam na sua imaginação as figuras de lindas mulheres que eram livres o bastante para escolherem quem iriam amar, apesar de não serem livres o bastante para fazerem as suas uniões serem válidas perante a lei.

Na manhã seguinte, quando entrou apressada no compartimento de carga, ela já o encontrou tratando dos cavalos. Um naco grande de queijo e um pedaço de carne de porco quente e cheirosa no meio de duas fatias grossas de pão fresco estavam em cima de um tecido limpo perto dos barris de aveia. Sem olhar para ela, Martin disse:

– Coma, ¹⁷ Você não precisa fingir perto de mim.

Talvez tenha sido naquela manhã que as coisas mudaram para Lenobia, e ela começou a pensar em ver Martin ao amanhecer em vez de

visitar os cavalos ao amanhecer. Ou, mais precisamente, foi naquele dia que ela começou a admitir a mudança para si mesma.

E uma vez que tudo mudou, Lenobia começou a procurar por sinais de Martin que indicassem que ela era mais do que apenas sua amiga – mais do que _____, a garota para quem ele trazia comida e que o importunava querendo ouvir histórias da Nova França. Mas tudo o que ela encontrou no seu olhar foi a familiar gentileza. Tudo o que escutou na sua voz foi paciência e humor. Uma ou duas vezes, achou ter percebido um vislumbre de algo mais, especialmente quando eles riam juntos e o verde-oliva dos seus olhos parecia faiscar com partículas castanhas e douradas, mas ele sempre desviava o olhar se ela o encarava por tempo demais, e ele sempre tinha uma história divertida para contar se os silêncios entre eles ficavam muito longos.

Apenas um pouco antes de a pequena paz e felicidade que ela encontrou se estilhaçarem e o mundo dela explodir, Lenobia finalmente encontrou coragem para fazer a pergunta que não a deixava dormir. Foi quando ela estava passando a mão em suas saias para limpá-las e sussurrando para o cavalo mais próximo um afetuoso _____¹⁸ que ela respirou fundo e disse:

– Martin, eu preciso te fazer uma pergunta.

– O que é, _____? – ele respondeu distraído enquanto recolhia as escovas e os retalhos de linho que eles haviam usado para esfregar os cavalos.

– Você costuma me contar histórias sobre as mulheres como a sua _____ mulheres de cor que se tornaram _____ e vivem com homens brancos como esposas. Mas e homens de cor vivendo com mulheres brancas? Existem homens _____?

Do lado de fora da baía, o olhar dele encontrou o dela, e Lenobia viu que ele ficou surpreso e depois que achou graça, e ela sabia que ele iria caçoar dela. Então, olhou sinceramente nos olhos dela, e a sua reação tornou-se sombria. Balançou a cabeça devagar de um lado para o outro. A voz dele soou aborrecida e os seus ombros largos pareceram desabar.

– Não, _____ Não existem homens _____ O único jeito de um homem de cor viver com uma mulher branca é ele sair da Nova França e

se passar por branco.

– Passar-se por branco? – Lenobia ficou sem fôlego com a própria coragem. – Você quer dizer fingir que você é branco?

– , mas eu não, – Martin estendeu o braço. Era longo, musculoso e, na luz do amanhecer que entrava pelo deque acima, parecia mais bronzeado do que marrom. – Esta pele é marrom demais para se passar por branca, e acho que não quero ser nada mais nem menos do que eu sou. Não, Eu estou feliz na minha própria pele – os olhares deles se encontraram e Lenobia tentou dizer a ele com os olhos tudo o que ela estava começando a desejar... tudo o que estava começando a querer. – Eu vejo uma tempestade nesses seus olhos cinzentos, . Deixe essa tempestade de lado. Você é forte. Mas não é forte o bastante para mudar o modo como o mundo pensa... e mudar as coisas em que o mundo acredita.

Lenobia não respondeu até abrir a portinhola e sair da baia dos Percherões. Ela andou até Martin, alisou a sua saia e então levantou o rosto e olhou nos olhos dele.

– Nem no Novo Mundo? – a voz dela era quase um sussurro.

– , nós não falamos sobre isso, mas eu sei que você é uma Você está prometida para um grande homem. Não é verdade, ?

– É verdade. O nome dele é Thinton de Silegne – ela disse. – Ele é um nome sem rosto... sem corpo... sem coração.

– Mas ele é um nome com uma terra, Eu conheço o seu nome e a sua terra. A fazenda dele, Houmas, é como o paraíso.

– Não é o paraíso que eu quero, Martin. É só vo...

– Não! – ele a conteve, colocando um dedo sobre os lábios dela. – Você não pode falar isso. O meu coração é forte, mas não o bastante para lutar com as suas palavras.

Lenobia pegou a mão dele que estava em seus lábios e a segurou. Ela parecia quente e bruta, como se não houvesse nada que ele não pudesse derrotar ou defender com aquelas mãos.

– Eu só peço que o seu coração escute.

– Ah, O meu coração já escutou as suas palavras. O seu coração falou comigo. Mas isso é o mais longe que eles podem ir... só este silêncio entre nós fala.

– Mas... eu quero mais – ela afirmou.

– ,¹⁹ eu também quero mais. Mas isso não pode acontecer. Cecile, não pode haver “nós”.

Essa foi a primeira vez em que ele a chamou por aquele nome desde que ela começara a encontrá-lo ao amanhecer, e ao ouvir isso ela se assustou. Tanto que soltou a mão dele e deu um passo para trás, afastando-se dele.

– E-eu tenho que ir – ela se atrapalhou com as palavras, completamente abalada pelas camadas diferentes e conflitantes da sua vida. Lenobia começou a caminhar em direção à saída grande do porão de carga. Atrás dela, Martin falou.

– Você não vai voltar aqui de novo,

Lenobia olhou para ele por sobre o seu ombro.

– Você está dizendo que não quer que eu volte?

– Eu não poderia dizer essa mentira – ele respondeu.

Lenobia soltou um suspiro longo e trêmulo de alívio.

– Então, se você está perguntando se eu virei, a minha resposta é sim. Vou voltar aqui de novo. Amanhã. Ao amanhecer. Nada mudou.

Ela continuou andando em direção à saída e escutou o eco da voz dele a seguindo.

– Tudo mudou, ...

Os pensamentos de Lenobia estavam desordenados. Será que tudo havia mudado entre eles?

Ela subiu pela escada estreita e entrou no corredor que saía do compartimento de carga, passava pelas cabines da tripulação e pelo acesso ao convés e terminava nas cabines das passageiras mulheres. Ela passou rápido pela porta das cabines da tripulação. Era um pouco mais tarde do que o horário em que ela normalmente voltava,

e ouviu alguns sons da tripulação do lado de dentro se preparando para o dia. Nessa hora, deveria ter percebido que precisava tomar mais cuidado. Devia ter parado e escutado, mas tudo o que Lenobia podia ouvir era o som dos seus pensamentos respondendo à sua própria pergunta:

Foi quando ela admitiu isso a si mesma que o Bispo, com sua batina roxa ondulando ao redor dele, entrou no corredor a apenas dois passos diante dela.

– ele disse.

Se Lenobia estivesse menos distraída, ela imediatamente teria abaixado a cabeça, feito uma reverência e escapado rapidamente para a segurança da sua cabine. Em vez disso, cometeu um erro terrível. Lenobia levantou o rosto e olhou para ele.

Os olhares deles se encontraram.

– Ah, é a jovem que tem passado tão mal durante toda a viagem – ele fez uma pausa e ela viu a confusão em seus olhos escuros. Ele inclinou a cabeça e franziu a testa enquanto a observava. – Mas eu pensei que você fosse a filha do Barão d’Auvergne... – Ele perdeu a fala e arregalou os olhos ao reconhecê-la e compreender tudo.

– Padre – ela falou rapidamente, abaixou a cabeça, fez uma reverência e tentou se retirar, mas era tarde demais. O Bispo estendeu a mão como uma cobra e agarrou o seu braço.

– Eu conheço esse lindo rosto, que não é o de Cecile Marson de La Tour d’Auvergne, filha do Barão d’Auvergne.

– Não, por favor. Deixe-me ir, Padre – Lenobia tentou puxar o braço e se afastar dele, mas ele a estava segurando com uma força de ferro.

– Eu conheço o seu rosto lindo, lindo – ele repetiu. A surpresa dele transformou-se em um sorriso cruel. – Você é filha do Barão, mas é uma .²⁰ Todo mundo perto do de Navarre sabe da frutinha suculenta que caiu do lado errado da árvore do Barão.

Filha bastarda... frutinha suculenta... lado errado... Aquelas palavras a abateram, enchendo-a de pavor. Lenobia começou a balançar a cabeça

de um lado para o outro sem parar.

– Não, eu preciso voltar para a minha cabine. A Irmã Marie Madeleine deve estar sentindo a minha falta.

– De fato, eu tenho sentido.

O Bispo e Lenobia se assustaram com a voz imponente da Irmã Maria Madeleine – ele se surpreendeu o bastante para que Lenobia conseguisse se soltar dele e saísse cambaleando pelo corredor em direção à freira.

– O que está acontecendo, Padre? – a Irmã Marie Madeleine perguntou. Mas antes que o Bispo respondesse, a freira tocou o queixo de Lenobia e disse: – Cecile, por que está tremendo tanto? Você passou mal de novo?

– Você a chama de Cecile? Também está envolvida nessa trapaça profana? – O Bispo parecia preencher todo o corredor enquanto o seu vulto crescia sobre as duas mulheres.

Claramente sem se intimidar, a Irmã Marie Madeleine deu um passo à frente, colocando-se entre Lenobia e o sacerdote.

– Eu não tenho ideia do que você está falando, Padre, mas você está amedrontando esta criança.

– Essa criança é uma impostora bastarda! – o Bispo bradou.

– Padre! Você ficou louco? – a freira disse, afastando-se para trás, como se ele fosse atingi-la.

– Você sabe de tudo? É por isso que a vem mantendo escondida durante toda a viagem? – o Bispo continuou a berrar. Lenobia podia ouvir o barulho das portas se abrindo atrás dela, e sabia que as outras garotas estavam vindo para o corredor. Ela não podia olhar para elas... não ia olhar para elas. – Ela é uma imitação barata! Eu vou excomungar vocês duas. O Santo Padre em pessoa vai saber disso!

Lenobia podia ver os olhares curiosos da tripulação enquanto o discurso do Bispo atraía cada vez mais atenção. E então, no final do corredor atrás do Bispo, Lenobia avistou o rosto assustado de Martin e viu que ele estava vindo em sua direção.

Já era terrível o fato de a Irmã Marie Madeleine estar ali, protegendo-a e acreditando nela. Ela não iria suportar se de algum

modo Martin também entrasse na confusão que ela tinha feito da sua vida.

– Não! – Lenobia gritou, saindo de trás da Irmã Marie Madeleine. – Eu fiz isso sozinha. Ninguém sabia, ninguém! Principalmente a bondosa Irmã.

– O que a garota fez? – o Comodoro perguntou quando entrou no corredor, franzindo a testa para o Bispo e para Lenobia.

O Bispo abriu a boca para contar o pecado dela aos gritos, mas, antes que ele falasse, Lenobia confessou:

– Eu não sou Cecile Marson de La Tour d’Auvergne. Cecile morreu na manhã em que a carruagem foi buscá-la para levá-la até Le Havre. Eu sou outra filha do Barão d’Auvergne, sua filha bastarda. Assumi o lugar de Cecile sem ninguém no saber por que eu queria uma vida melhor para mim – Lenobia sustentou firmemente o olhar da freira. – Eu sinto muito por ter mentido para a senhora, Irmã. Por favor, perdoe-me.

15 Pai, em francês. (N.T.)

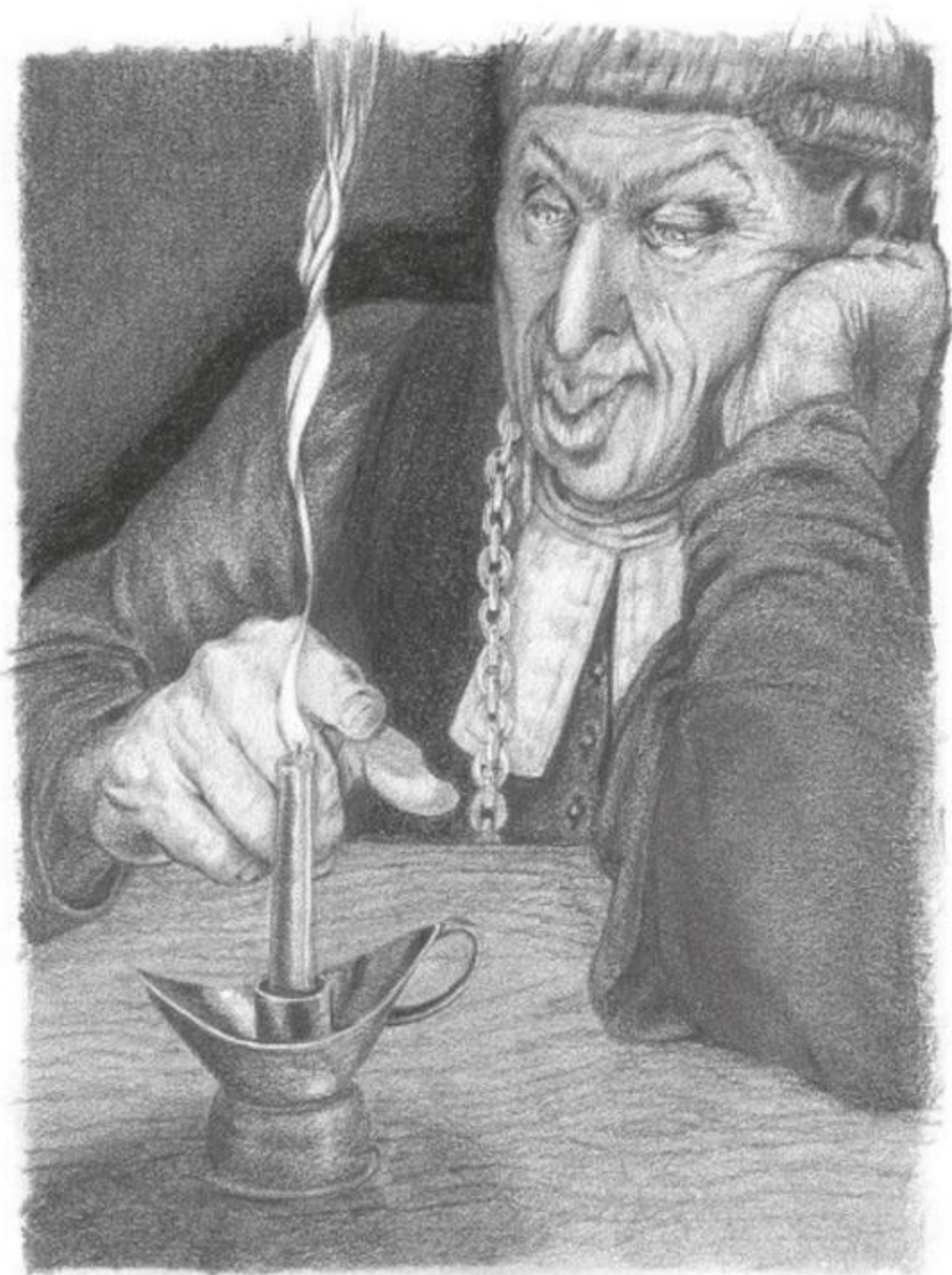
16 Os cavalos, em francês. (N.T.)

17 Espécie de turbante que as mulheres negras da Louisiana eram obrigadas a usar. (N.T.)

18 Até logo, em francês. (N.T.)

19 Literalmente, “chou” em francês significa couve ou repolho. Já *chou à la creme* é um doce como o profiterole. *Mon petite chou* é uma expressão carinhosa comum em francês, algo como “meu docinho” ou “minha querida”. (N.T.)

20 Bastarda, em francês. (N.T.)



5.

– Não, senhores, eu insisto que vocês deixem a garota comigo. Ela é uma *fille à la cassette* e, portanto, está sob a proteção das freiras Ursulinas. – A Irmã Marie Madeleine se posicionou na entrada do quarto delas, segurando a porta metade fechada diante dela.

Ela havia dito para Lenobia ir imediatamente para sua cama e então tinha se preparado para enfrentar o Bispo e o Comodoro, que continuavam no corredor. O Bispo ainda estava gritando, com o rosto vermelho. O Comodoro parecia não saber como agir; aparentemente, hesitava entre a raiva e o humor. Quando a freira falou, ele encolheu os ombros e disse:

– Sim, bem, ela está sob sua responsabilidade, Irmã.

– Ela é uma bastarda e uma impostora! – o Bispo vociferou.

– Bastarda ela é; impostora, não mais – a freira respondeu com firmeza. – Ela admitiu o seu pecado e pediu perdão. Agora não é a nossa função, como bons católicos, perdoar e ajudar essa criança a encontrar o seu verdadeiro caminho na vida?

– Não é possível que você ache que eu vou permitir que essa bastarda se case com um nobre! – o Bispo afirmou.

– E não é possível que você acredite que eu iria me envolver em uma farsa e quebrar o meu voto de honestidade – a freira contra-atacou.

Lenobia pensou que ela podia sentir o calor da raiva do Bispo emanando do lado de fora do quarto.

– Então, o que você vai fazer com ela? – ele perguntou.

– Eu vou concluir o meu dever e cuidar para que ela chegue casta e segura em Nova Orleans. Dali em diante, o futuro dela vai depender do Conselho das Ursulinas e, é claro, da própria garota.

– Isso parece razoável – o Comodoro disse. – Venha, Charles, vamos deixar essas questões de mulheres para as mulheres resolverem. Eu tenho uma caixa de um vinho do Porto excelente que ainda não abrimos. Vamos prová-lo para verificar se ele aguentou a viagem até aqui – depois de dar um aceno com a cabeça para a freira, ele deu tapinhas no ombro do Bispo e foi embora.

O homem de batina roxa não seguiu o Comodoro imediatamente. Em vez disso, ele olhou por sobre a Irmã Marie Madeleine, na direção onde Lenobia estava sentada em seu catre, com os braços em volta de si mesma, e falou:

– O fogo sagrado de Deus destrói os mentirosos.

– Mas eu acho que o fogo sagrado de Deus não destrói crianças. Bom dia, Padre – a Irmã Marie Madeleine afirmou e então fechou a porta na cara do sacerdote.

O quarto estava tão silencioso que Lenobia podia ouvir a respiração ofegante de Simonette.

Lenobia encontrou o olhar da Irmã Marie Madeleine.

– Eu sinto muito – ela disse.

A freira levantou a mão.

– Em primeiro lugar, vamos começar com o seu nome. O seu nome verdadeiro.

– Lenobia Whitehall – por um momento, o alívio que sentiu por recuperar o seu nome obscureceu o medo e a vergonha, e ela conseguiu respirar fundo para se fortalecer. – Esse é o meu nome verdadeiro.

– Como você pôde fazer isso? Fingir que era uma pobre garota morta? – Simonette perguntou. Estava encarando Lenobia com olhos arregalados, como se ela fosse uma espécie de animal estranho e assustador recém-descoberto.

Lenobia se virou para a freira. A Irmã assentiu, dizendo:

– Todas vão querer saber. Responda agora e acabe logo com isso.

– Eu não fingi exatamente ser Cecile, mas simplesmente fiquei quieta – Lenobia olhou para Simonette, com seu vestido de seda enfeitado com pele, com pérolas e granadas cintilando ao redor do seu pescoço branco e delgado. – Você não sabe como é não ter nada...

nenhuma proteção... nenhum futuro. Eu não queria ser Cecile. Eu só queria ficar segura e feliz.

– Mas você é uma bastarda – disse Aveline de Lafayette, a bela loira que era a filha mais nova do Marquês de Lafayette. – Você não merece a vida de uma filha legítima.

– Como você pode acreditar nesse absurdo? – Lenobia a questionou. – Por que um nascimento por acaso deve determinar o valor de uma pessoa?

– Deus determina o nosso valor – afirmou a Irmã Marie Madeleine.

– E que eu saiba, você não é Deus, *mademoiselle* – Lenobia disse para a jovem Lafayette.

Aveline arfou.

– Essa filha de uma prostituta não vai falar assim comigo!

– A minha mãe não é uma prostituta! Ela é uma mulher que era bela e ingênua demais!

– É claro que você ia dizer isso, mas nós já sabemos que você é uma mentirosa – Aveline de Lafayette segurou as suas saias. Passou rápido por Lenobia, dizendo: – Irmã, eu não vou dividir o quarto com uma *fille de bas*.

– Chega! – a voz ríspida da freira fez até a arrogante Lafayette parar. – Aveline, no convento das Ursulinas, nós educamos mulheres. Não fazemos distinção de classe ou de raça. O que importa é que tratemos todos com honestidade e respeito. Lenobia acabou de ser honesta conosco. Nós vamos retribuir isso com respeito – a freira voltou-se para Lenobia. – Eu posso ouvir a confissão do seu pecado, mas não posso absolvê-la. Para isso você precisa de um padre.

Lenobia encolheu os ombros.

– Eu não vou me confessar ao Bispo.

A expressão de Marie Madeleine se suavizou.

– Comece confessando-se a Deus, minha filha. Depois, o nosso bondoso Padre Pierre vai ouvir a sua confissão no convento quando chegarmos – ela desviou o olhar de Lenobia e mirou cada uma das outras garotas no quarto. – O Padre Pierre pode ouvir as confissões de todas, pois somos todos seres imperfeitos que precisam de absolvição –

ela voltou-se de novo para Lenobia. – Minha filha, você pode vir comigo até o convés, por favor?

Lenobia assentiu em silêncio e seguiu a Irmã até lá em cima. Elas percorreram o curto caminho até a popa do navio e pararam ao lado do parapeito negro e das imagens ornamentadas de querubins esculpido que decoravam a parte de trás do *Minerva*. Ficaram ali em silêncio por alguns momentos, cada mulher observando o mar e guardando os seus próprios pensamentos. Lenobia sabia que o fato de ter sido descoberta como uma impostora iria mudar a sua vida, provavelmente para pior, mas ela não podia deixar de sentir uma ligeira sensação de alívio – de que estava livre da mentira que a estava assombrando.

– Eu odiava a mentira – ela se ouviu dizendo o seu pensamento em voz alta.

– Fico feliz de escutar isso. Você não parece uma garota falsa para mim – Marie Madeleine voltou o seu olhar para Lenobia. – Conte-me a verdade, ninguém mais sabia do seu ardil?

Lenobia não estava esperando aquela pergunta. Ela desviou os olhos, sem conseguir dizer a verdade e sem querer contar outra mentira.

– Ah, entendo. A sua *maman*, ela sabia – Marie Madeleine afirmou, sem ser rude. – Não importa, o que está feito não pode ser desfeito. Não vou perguntar sobre isso novamente.

– Obrigada, Irmã – Lenobia falou em voz baixa.

A freira fez uma pausa, e então continuou com um tom de voz mais severo.

– Você deveria ter me procurado quando viu o Bispo pela primeira vez, em vez de fingir que estava se sentindo mal.

– Eu não sabia o que a senhora iria fazer – Lenobia respondeu com sinceridade.

– Eu não sei ao certo como reagiria, mas com certeza teria feito tudo o que estava ao meu alcance para impedir um confronto feio com o Bispo, como o que tivemos hoje – o olhar da freira era aguçado e claro. – O que há entre vocês dois?

– Nada da minha parte! – Lenobia disse rapidamente. Então suspirou e acrescentou: – Algum tempo atrás, a minha *maman*, que é

bastante religiosa, disse que nós não iríamos mais à missa. Ela decidiu me manter em casa. Isso não evitou que o Bispo fosse ao *château*... não impediu que os olhos dele ficassem me procurando.

– O Bispo tirou a sua virgindade?

– Não! Ele não me tocou. Ainda sou virgem.

Marie Madeleine fez o sinal da cruz.

– Graças à Nossa Mãe Santíssima – a freira soltou um longo suspiro. – O Bispo é uma preocupação para mim. Ele não é o tipo de homem que eu gostaria de ver na Catedral de Saint Louis. Mas às vezes os caminhos de Deus são insondáveis, difíceis de compreender. A viagem vai terminar daqui a algumas semanas, e quando nós estivermos em Nova Orleans o Bispo vai ter muitos deveres que vão mantê-lo ocupado, sem pensar em você. Então, nós precisamos mantê-la afastada dos olhares dele apenas por algumas semanas.

– Nós?

Marie Madeleine ergueu as sobrancelhas.

– As freiras Ursulinas são servas da Nossa Mãe Santíssima, e Ela não iria querer que eu ficasse à toa enquanto uma das Suas filhas é abusada, nem mesmo por um Bispo – ela se esquivou dos agradecimentos de Lenobia. – Você vai ser esperada para o jantar agora que foi descoberta. Isso não pode ser evitado, sem despertar mais zombaria e desdém.

– Zombaria e desdém são menos ofensivos do que os olhares do Bispo – Lenobia afirmou.

– Não. Isso a torna mais vulnerável a ele. Você vai jantar conosco. Apenas não chame atenção. Mesmo sendo quem é, ele não pode fazer nada na frente de todos nós. Exceto nessas ocasiões, apesar de eu ter quase certeza de que está cansada de fingir indisposição e de ficar em seu quarto, você deve ficar longe da vista de todos.

Lenobia limpou a garganta, empinou o queixo e se arriscou:

– Irmã, há várias semanas eu tenho saído do nosso quarto antes do amanhecer e voltado antes de a maioria do navio acordar.

A freira sorriu.

– Sim, minha filha. Eu sei.

– Oh. Eu pensei que a senhora estivesse rezando.

– Lenobia, acho que você vai descobrir que eu e muitas das minhas boas Irmãs somos capazes de pensar e rezar ao mesmo tempo. Eu realmente aprecio a sua honestidade. Para onde você costuma ir?

– Até aqui em cima. Bem, na verdade, até lá – Lenobia apontou para uma parte escura do convés, onde ficavam os barcos salva-vidas. – Eu assisto ao nascer do sol e ando um pouco por ali. E depois eu vou até o porão de carga.

Marie Madeleine piscou surpresa.

– Até o porão de carga? Para quê?

– Cavalos – Lenobia disse. *Eu estou dizendo a verdade*, ela racionalizou. *Os cavalos me atraíram para lá.* – Uma parelha de Percherões. Eu gosto muito de cavalos, e sou boa com eles. Posso continuar a visitá-los?

– Você alguma vez viu o Bispo nas suas saídas ao amanhecer?

– Nunca, hoje foi a primeira vez, e isso só aconteceu porque eu fiquei lá muito tempo depois do amanhecer.

A freira encolheu os ombros.

– Desde que você tome cuidado, não vejo motivo para prendê-la na cabine mais do que o absolutamente necessário. Mas tome muito cuidado, minha filha.

– Vou tomar. *Merci beaucoup*, Irmã – impulsivamente, Lenobia atirou seus braços em volta da freira e a abraçou. Após um breve momento, braços fortes e maternais retribuíram o abraço, e a freira acariciou o seu ombro.

– Não se preocupe, minha filha – a Irmã Marie Madeleine murmurou, consolando-a. – Boas garotas católicas estão em falta em Nova Orleans. Nós vamos encontrar um marido para você, não tenha medo.

Tentando não pensar em Martin, Lenobia sussurrou:

– Eu preferia que vocês encontrassem um modo de eu ganhar a vida.

A freira ainda estava rindo quando elas começaram a voltar para a cabine das mulheres.



Na sala privativa do Comodoro, bem abaixo do local onde Lenobia e Marie Madeleine haviam conversado, o Bispo Charles de Beaumont estava parado junto à janela aberta em um silêncio tumular, imóvel feito uma estátua. Quando o Comodoro voltou da cozinha com duas garrafas empoeiradas de vinho do Porto embaixo dos seus braços carnudos, Charles mostrou interesse em saber o ano e a vinícola. Ele fingiu apreciar aquele vinho rico, mas, em vez disso, bebeu rapidamente sem saboreá-lo, pois precisava apagar a chama de ódio que queimava tão intensamente dentro dele, enquanto pedaços da conversa que ele havia escutado por acaso ferviam na sua mente: *O que há entre vocês dois? O Bispo tirou a sua virgindade? Zombaria e desdém são menos ofensivos do que os olhares do Bispo. Mas tome muito cuidado, minha filha.*

O Comodoro ficou se vangloriando a respeito de marés, estratégias de batalha e outros assuntos banais, e a raiva de Charles, amortecida pelo vinho, começou a cozinhar lentamente num caldo de ódio, luxúria e fogo... sempre o fogo.



O jantar teria sido um desastre se não fosse pela Irmã Marie Madeleine. Simonette era a única garota que conversava com Lenobia. Mas a garota de quinze anos começava a falar e em seguida parava – tão sem jeito que parecia se esquecer toda hora de que não deveria mais gostar de Lenobia.

Lenobia se concentrou na sua comida. Ela imaginara que iria ser um paraíso conseguir comer uma refeição completa, mas o olhar quente do Bispo a fez se sentir tão mal e com tanto medo que acabou

empurrando para o lado do prato a maior parte do delicioso robalo e das batatas na manteiga.

Mas a Irmã Marie Madeleine fez tudo dar certo. Ela manteve o Comodoro entretido em uma discussão sobre a ética da guerra que incluía o Bispo e as suas opiniões eclesiásticas. Ele não podia ignorar a freira – não quando ela estava mostrando tanto interesse na opinião do Bispo. E em muito menos tempo do que Lenobia esperava, a Irmã estava pedindo licença para se retirar.

– Tão cedo, madame? – o Comodoro piscou para ela com olhos turvos e o rosto corado pelo vinho do Porto. – Eu estava gostando tanto da nossa conversa!

– Perdoe-me, caro Comodoro, mas eu gostaria de ir enquanto ainda há um pouco de luz no céu da noite. Eu e as *mademoiselles* precisamos muito dar umas voltas pelo convés.

As *mademoiselles*, obviamente chocadas com a proposta da freira, olharam para ela com diferentes graus de surpresa e horror.

– Andar? Pelo convés? E por que você quer fazer isso, Irmã? – o Bispo perguntou com uma voz áspera.

A freira sorriu calmamente para o Bispo.

– *Oui*, acho que nós estamos confinadas em nossos quartos há tempo demais – então ela voltou a sua atenção para o Comodoro. – Você não falou diversas vezes sobre os benefícios do ar marinho para a saúde? E olhe para você, *monsieur*, um homem tão grande e forte. Nós vamos fazer bem em imitar os seus hábitos.

– Ah, é verdade, é verdade – o peito enorme do Comodoro se inflou ainda mais.

– Excelente! Então, com a sua permissão, vou recomendar que as garotas e eu façamos caminhadas frequentes pelo navio, em diferentes horários do dia. Todas nós precisamos cuidar da saúde e, agora que os resquícios de enjoo do mar se dissiparam, não há nada para nos segurar em nossos quartos – Marie Madeleine disse a última frase com um olhar rápido e intencional para Lenobia e depois se voltou para o Comodoro, com uma expressão de pesar, como que incluindo-o no seu desconforto

com o comportamento da garota. Lenobia achou que a Irmã Marie Madeleine foi simplesmente brilhante.

– Muito bem, madame. Ótima ideia, realmente boa. Você não acha, Charles?

– Acho que a bondosa Irmã é uma mulher muito sábia – foi a resposta astuta do Bispo.

– É gentileza da sua parte, Padre – Marie Madeleine falou. – E não se assuste conosco, já que, de agora em diante, você nunca vai saber onde cada uma de nós pode estar!

– Vou me lembrar disso. Vou me lembrar – de repente, a expressão severa do Bispo se alterou e ele piscou surpreso. – Irmã, acabei de ter uma ideia que, tenho certeza, foi inspirada no seu anúncio ambicioso de tomar conta do navio.

– Mas, Padre, eu não quis...

O Bispo gesticulou para refutar os protestos dela.

– Ah, eu sei que você não quer fazer nenhum mal, Irmã. Como eu estava dizendo, pensei que seria bastante agradável mudar o seu altar à Virgem Maria para o convés, talvez logo acima de nós, no espaço coberto da popa. Talvez a tripulação queira participar das suas devoções diárias. – Ele curvou-se para o Comodoro e acrescentou: – Se o tempo e as obrigações deles permitirem, é claro.

– É claro... é claro – repetiu o Comodoro.

– Bem, com certeza eu posso fazer isso. Desde que o tempo continue bom – Marie Madeleine disse.

– Obrigado, Irmã. Considere isso um favor pessoal para mim.

– Então muito bem. Sinto que nós realizamos bastante esta noite – a freira falou com entusiasmo. – *Au revoir, monsieurs. Allons-y, mademoiselles* – ela concluiu e então saiu com o seu grupo do aposento.

Lenobia sentiu o olhar do Bispo até a porta se fechar, bloqueando a visão que ele tinha dela.

– Bem, então, vamos andar um pouco? – sem esperar por uma resposta, Marie Madeleine caminhou decididamente até a pequena escada que levava ao convés, onde ela inspirou profundamente e